



ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE

EXPOSIÇÃO DO NÚCLEO DE
GRAVURA DA E.A.V.



Gabinete de Gravura
Inauguração: 27 de novembro, 1990



ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE

JORNAL DO COMMERCIO
RIO DE JANEIRO-RJ

27 NOV 1990

O Gabinete de Gravura da Escola de Artes Visuais (Parque Lage) inaugura hoje, às 19 horas, mais uma de suas coletivas. Os expositores (dos quais infelizmente a divulgação não nos forneceu os nomes) são alunos de José Lima, Malu Fatorelli, Giodana Holanda, Nena Nalthar, Anna Carolina, Dionisio del Santo, Evany Cardoso e Marcus André.

Alunos da EAV expõem gravuras

Depois de passar o ano inteiro mostrando o trabalho de gravadores de vários ateliês do País, o Gabinete de Gravura da Escola de Artes Visuais (EAV) do Parque Lage, coordenado pela artista plástica Malu Fatorelli, realiza uma mostra com a produção de seus próprios alunos. São 30 trabalhos, entre gravuras em metal, xilogravuras, litogravuras, monogravuras e serigrafias, que estão expostos até o próximo dia 14 de dezembro. Atenção: o Gabinete de Gravura só funciona de segunda à sexta-feira.

O globo

*O globo - Ipanema
3.12.91 n° 443*

Segunda-feira, 3 de dezembro de 1990

Três exposições agitam a vida cultural do Rio

Desde o mês passado, três exposições agitam a vida cultural da cidade. Na Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV) está sendo realizada uma mostra, que reúne trabalhos de 26 artistas, alunos do núcleo de gravura.

Ultima Hora/UH-Revista

● Até dia 26, os alunos da Escola de Artes Visuais do Parque Lage vão estar mostrando seus trabalhos no Gabinete de Estampas da EAV. Em exposição, litografias, três dimensões e pinturas.

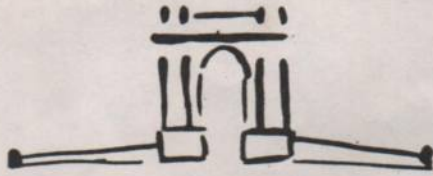


ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE

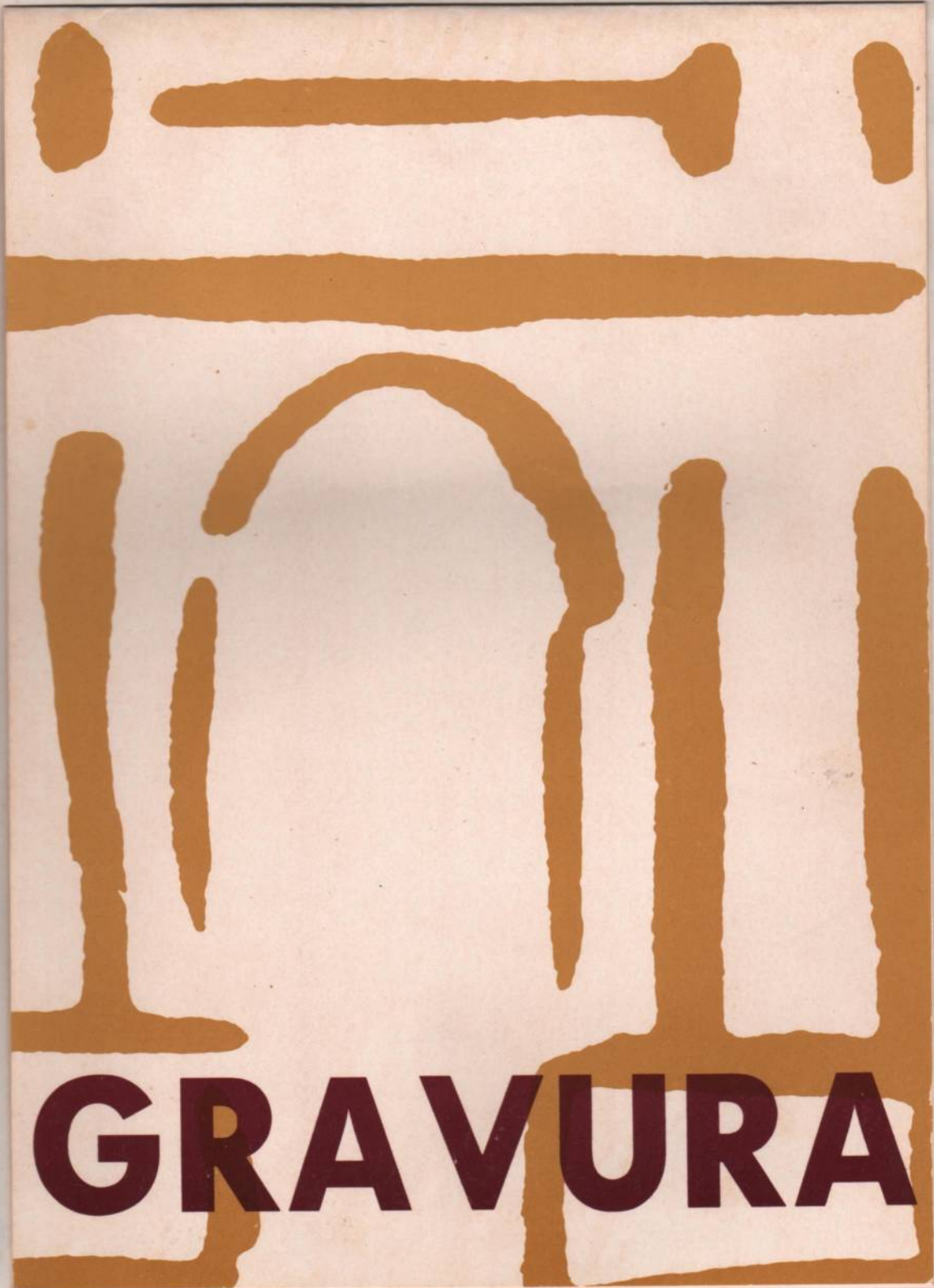
27 de novembro a 28 de dezembro

"NÚCLEO DE GRAVURA DA ESCOLA DE ARTES VISUAIS - ALUNOS"

Participantes: Ricardo Sousa Nogueira, Layse Maria Grisolli da Costa, Ana Margarida Lima Cartaxo, Maria Gabriela Machado, Andrea Monica Gostello, Stella Oswaldo Cruz Penido, Teresa Cristina M de Sousa Ribeiro, Floriano Duarte, Altiva Quadros, Vera Hazan, Suzana Spadaccini, Beatriz Guimarães, Tereza G. de Mello, Luiz Caillaud, Aralina Pereira Madalena, Maria Amelia da Silveira, Walter Masao Shirota, German Ott, Gisele Cardoso, Maria Cristina Gonçalves Fernandes, Carlos Alberto Lopes Mayer, Monica Mansur, Djalma Paiva, Erivaldo Barbosa, Helena Wassersten, Ana Vitória Mussi.



ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE





A ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE

Convida para a exposição de trabalhos
dos professores de gravura

Giordana Holanda

**ANNA CAROLINA
DIONÍSIO DEL SANTO
EVANY CARDOSO**

**JOSÉ LIMA
MALU FATORELLI
MARCUS ANDRÉ
NENA BALTHAR**

Artista convidado:

JOÃO ATANÁSIO

Dia 19 de março de 1991, às 19:00hs,
no Gabinete de Gravura da EAV
Rua Jardim Botânico, 414 — Parque Lage

SECRETARIA DE CULTURA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

OFICINA DE LITOGRAFIA

A técnica A litografia é uma técnica de gravura que tem como matriz uma pedra calcárea ou uma chapa granitada. Seu princípio básico é a rejeição entre a água e a gordura. A técnica reúne três etapas de trabalho:

desenho - realizado com material gorduroso

gravação - aplicação de uma solução de goma arábica e ácido, com a função de proteger as áreas brancas de corpos gordurosos e fazer com que as áreas desenhadas absorvam mais gordura (tinta)

impressão - feita em uma prensa apropriada transferindo a imagem da matriz para o papel ou outro suporte que se prefira utilizar.

A oficina A oficina possui um caráter de ateliê livre e permanente funcionando durante toda a semana e permitindo aos usuários dedicação integral, de acordo com o interesse, sendo aberto a alunos e artistas que convivem em um mesmo espaço. A oficina visa ao aprendizado e à produção de litografias através de suas técnicas tradicionais e da combinação destas com outros processos gráficos, incentivando a pesquisa de métodos e meios de formação da imagem impressa contemporânea.

Giodana Holanda

Nena Balthar

A GRAVURA DE CÓPIA ÚNICA

(MONOGRAVURA)

A impressão de gravuras tem ocupado artistas e artesãos gráficos nos últimos 300 anos. Sua prática já oscilou do panfleto, ilustração de livros, até ocupar, nos dias de hoje, a função de objeto artístico contemporâneo.

A prática da monogravura ou monotípia, como são geralmente confundidas, já soma quase nove décadas desde o moderno Degas. A monogravura é classificada como tal quando o suporte (papel) sofre ação direta da prensa para gravura, e não apenas o contato manual do artista através da pressão de sua mão. No caso de Degas, por exemplo, o artista utilizava tintas à base de óleo na impressão de papéis. Suas gravuras eram cópias únicas, desvinculadas de edição, obras solitárias.

Alguns historiadores assumem que a primeira monogravura (em língua inglesa diz-se monoprint) foi realizada por Blake no século XVII d.c.. A monogravura consiste na impressão direta e sucessiva da tinta tipográfica aplicada no suporte de papel através de uma placa plástica, acrílica ou metálica. A imagem vai sendo obtida a cada impressão.

Nos últimos dez anos, a crescente utilização da monogravura nas oficinas européias e americanas deve-se principalmente ao caráter experimental e à gama expressiva dado o imprevisível constante da técnica. O uso da prensa como ferramenta gráfica é decisivo para a qualidade gráfica e para os efeitos na imagem impressa, sendo frequente o uso de materiais não muito comuns como papelões, cartões, rendas, jutas, fibras naturais e acrílicas, ou mesmo objetos planos de uso pessoal.

A prática da monogravura dá-se principalmente em função da utilização de todos os recursos técnico-gráficos encontrados na oficina de gravura, sem a preocupação com tiragem ou edição. Em suma, a preocupação do artista concentra-se na confecção de uma obra única.

Marcus André.

OFICINA DE GRAVURA EM METAL

O que é fazer gravura? Será que é difícil? Será que tem muita "cozinha"? Fogo, ácido, lamparinas e vernizes formam uma alquimia descompassada com o nosso tempo?

A gravura em metal, que há séculos serve a diferentes artistas em vários momentos da arte, é a nossa base de trabalho na oficina. Procuramos entender um processo que aos poucos se torna mais um vocabulário a serviço da impressão, da sensibilidade e do desenvolvimento de cada aluno.

O jogo do múltiplo, a gravação, a reprodução, a memória dão origem a exercícios que são propostos individualmente ou em grupo aos alunos da oficina. Simplicidade, síntese e ao mesmo tempo um universo inteiro de possibilidades. Este é o nosso desafio.

Malu Fatorelli.

SERIGRAFIA

A técnica serigráfica, considerada em seu ângulo mais primitivo ou essencial, pode ser utilizada com grande liberdade visando à realização de uma expressão criadora autônoma, associada à organização de cores, formas, linhas, massas, texturas, transparências. Experiências inventivas e inovadoras do próprio processo de impressão serigráfica. Importância maior atribuída à confecção de imagens únicas. Enfim, a serigrafia considerada como valioso instrumento de criação artística.

Dionísio Del Santo
Evany Cardoso

XILOGRAVURA

Da xilogravura, o amor à madeira, o respeito à imagem gravada. O ensino da técnica, cuidando para que ela não se sobreponha à emoção.

Anna Carolina.



da esquerda, Giodana Holanda, José Lima, Nena Baltar, Dionísio Del Santo, Malu Fatorelli e Evany Cardoso

Professores da EAV expõem no Parque Lage

Amanhã, a partir das 19h, a Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV), estará inaugurando uma exposição com trabalhos dos professores de suas oficinas de gravura. A mostra, que fica até o dia 20 de abril, reúne 15 trabalhos de Anna Carolina, Dionísio Del Santo, Evany Cardoso, Giodana Holanda, Nena Baltar, José Lima, Malu Fatorelli, Marcus André e João Atanásio.

A Escola de Artes Visuais é voltada para a análise, produção e discussão da arte contemporânea. Funciona como um grande centro cultural. Desde sua criação, possui um núcleo de gravura, hoje coordenado por Malu Fatorelli.

lho livre, aberto a qualquer pessoa, sem nenhuma exigência ou pré-requisito. As oficinas estão sempre prontas para receber alunos e artistas que delas queiram participar, em qualquer época, sem uma obrigação de continuidade. Nós damos muitas aulas práticas com bastante informação técnica, pois a arte da gravura exige um conhecimento muito profundo nessa área. Mas, ao mesmo tempo, orientamos o ensino técnico para o que há de mais moderno.

Ainda de acordo com Giodana, muitas pessoas confundem o aprendizado da gravura como um processo meramente técnico. A EAV procura



Professores das Oficinas de Gravura da EAV: primeira exposição conjunta

As gravuras dos professores da EAV

Segundo caderno
O globo - 19.03.91

Professores da EAV expõem no Parque Lage

Amanhã, a partir das 19h, a Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV), estará inaugurando uma exposição com trabalhos dos professores de suas oficinas de gravura. A mostra, que fica até o dia 20 de abril, reúne 15 trabalhos de Anna Carolina, Dionísio Del Santo, Evany Cardoso, Giodana Holanda, Nena Baltar, José Lima, Malu Fatorelli, Marcus André e João Atanásio.

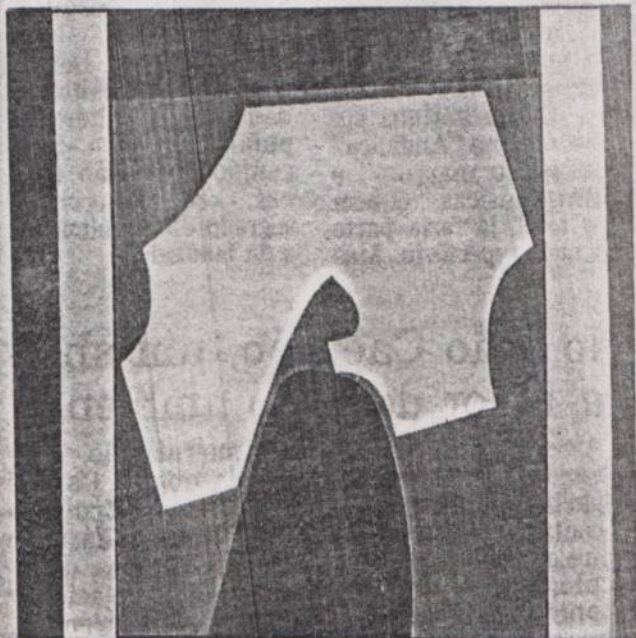
A Escola de Artes Visuais é voltada para a análise, produção e discussão da arte contemporânea. Funciona como um grande centro cultural. Desde sua criação, possui um núcleo de gravura, hoje coordenado por Malu Fatorelli.

Ali, funcionam, durante todo o ano, oficinas de litografia, gravura em metal, monogravura, serigrafia e xilografia, que oferecem diferentes cursos, ateliês livres e workshops. De acordo com a professora de litografia Giodana Holanda, o núcleo acompanha a linha mestra da EAV:

— Fazemos um traba-

lho livre, aberto a qualquer pessoa, sem nenhuma exigência ou pré-requisito. As oficinas estão sempre prontas para receber alunos e artistas que delas queiram participar, em qualquer época, sem uma obrigação de continuidade. Nós damos muitas aulas práticas com bastante informação técnica, pois a arte da gravura exige um conhecimento muito profundo nessa área. Mas, ao mesmo tempo, orientamos o ensino técnico para o que há de mais moderno.

Ainda de acordo com Giodana, muitas pessoas confundem o aprendizado da gravura como um processo meramente técnico. A EAV procura combater essa visão e dar ao aluno uma orientação voltada para o "pensar e fazer artístico", incentivando o aluno a acompanhar todo o movimento contemporâneo do mundo das artes. A exposição dos trabalhos dos professores da Escola pode ser visitada de segunda a sexta, das 10h às 19h.



Serigrafia de Evany Cardoso que faz parte da mostra



Professores das Oficinas de Gravura da EAV: primeira exposição conjunta

As gravuras dos professores da EAV

Depois de dois anos de funcionamento, com uma programação voltada à produção de grupos de artistas contemporâneos e instituições de diferentes regiões do País, o Gabinete de Gravura da Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV) mostrará, pela primeira vez, uma exposição conjunta de trabalhos dos professores de suas oficinas. "Professores das oficinas de gravura do Parque Lage", que será inaugurada hoje, às 19h, reúne 15 obras do corpo docente formado por Dionísio del Santo, Evany Cardoso, Giodana Holanda, Nena Baltazar, José Lima, Malu Fatorelli, Marcus André e Anna Carolina, e mais um trabalho de um artista convidado: o gravador João Atanásio.

O principal objetivo da mostra, segundo a coordenadora do Gabinete de Gravura da EAV, Malu Fatorelli, é dar ao público uma noção das diferentes possibilidades da produção artística a partir do uso de distintas técnicas de gravura. Além dos trabalhos — que misturam basicamente serigrafia, litografia, gravura em metal, monogravura e xilogravura — estarão expostos painéis com textos sobre os processos de criação e sobre o funcionamento do núcleo de gravura da escola.

— A mostra de obras tão diversas e que muitas vezes mistu-

ram várias técnicas evidenciará a gravura ligada ao processo de criação, independentemente do meio. Muitas delas são gravuras únicas, o que esclarece que não se escolhe a técnica em função da possibilidade de reprodução — explica Malu Fatorelli, professora de gravura em metal.

A gravadora Giodana Holanda participa da exposição com uma obra única de um metro e meio de extensão por 40 centímetros de largura de uma série intitulada "Folhas", na qual combinou técnica de litografia (gravura sobre pedra) e gravura em metal. Ela ressalta que a iniciativa de reunir os trabalhos dos professores está afinada com um dos fatores que caracteriza a EAV, que é ter o corpo docente formado por artistas atuantes.

— A diversidade de trabalhos aponta um caminho contemporâneo de abordagem da gravura, o que demonstra que o núcleo de gravura segue a linha mestra da escola, que é voltada para a análise e produção da arte contemporânea.

Dentro dessa abordagem da gravura, destacam-se dois trabalhos de Dionísio del Santo, que a partir de um processo de permutação de matrizes consegue imagens com relevo e textura. Esse tipo de resultado é incomum à serigrafia, que geralmente fornece imagens chapadas.

Os meios gráficos tradicionais (xilogravura, gravura em metal, litografia), em nossos dias, tornam-se puramente expressivos. Não que não o fossem antes, mas se vêm hoje desatrelados da reprodutibilidade como função básica. O fato de serem múltiplos tornou-se ao mesmo tempo essencial e circunstancial (é múltiplo mesmo que um). As edições são uma de suas inúmeras faces. Ao lado da pintura, escultura, desenho, etc, as questões investigativas relativas à forma, à construção de suas peculiaridades, são nosso eixo.

Isso não desmerece, ao contrário, dignifica, o importante papel que a gravura cumpriu ligado à reprodução de imagens artísticas, científicas, servindo à divulgação de conhecimento. E, mais, engrandece o trabalho de toda uma comunidade de artistas, gravadores, impressores, intelectuais, cientistas, editores e amadores que em torno dela se reuniram no decorrer da história. O universo da gravura é amplo e generoso.

O Centro de Gravura do Museu Lasar Segall não pretende menosprezar essa amplitude e generosidade. Gostaríamos de reunir no Atelier aqueles que se interessam pela prática e reflexão sobre a gravura. Isso já acontece e nos anima a continuar esse trabalho. Convidamos os que queiram iniciar-se na gravura e outros, que já praticantes, queiram discutir as questões pertinentes à sua linguagem e contemporaneidade. Só essa convivência poderá materializar as nossas dúvidas.

Gostaríamos também de trabalhar no sentido de desmitificar a prática da gravura, particularizada como difícil, cheia de segredos, de quase impossível domínio. Desenvolva dessa névoa, a sua compreensão essencial é relativamente simples; já a sua linguagem própria a cada um de nós, e intransferível, não cabe num tempo. É diferente com qualquer prática humana? Queremos nos servir da técnica e não, simplesmente, buscá-la como se ela fosse encarável.

Com entusiasmo, só nos resta reforçar o convite.

Cláudio Mubarac

Coordenador do Centro de
Gravura do Atelier de Artes
Plásticas do Museu Lasar Segall

FUNDAÇÃO
NACIONAL
PRÓ-MEMÓRIA

MUSEU



LASAR
SEGALL
BIBLIOTECA
JENNY K. SEGALL

Ministério da Cultura
SPHAN / Pró Memória

ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE





ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE

14 de março a 7 de abril

OFICINA DE GRAVURA SESC TIJUCA

Participantes: Abraão de Brito, Anna Carolina, Armando Carvalho,
Inês Cavalcanti, Leão de Alencar, Liege Nascimento, Luis
Caillaud, Mario Orlando, Paulo Cesar Rocha, Rosi Orsi,
Teresa da Rocha, Heloisa Pires Ferreira.



ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE



TRIBUNA DA IMPRENSA

RIO DE JANEIRO - RJ

16 ABR 1990

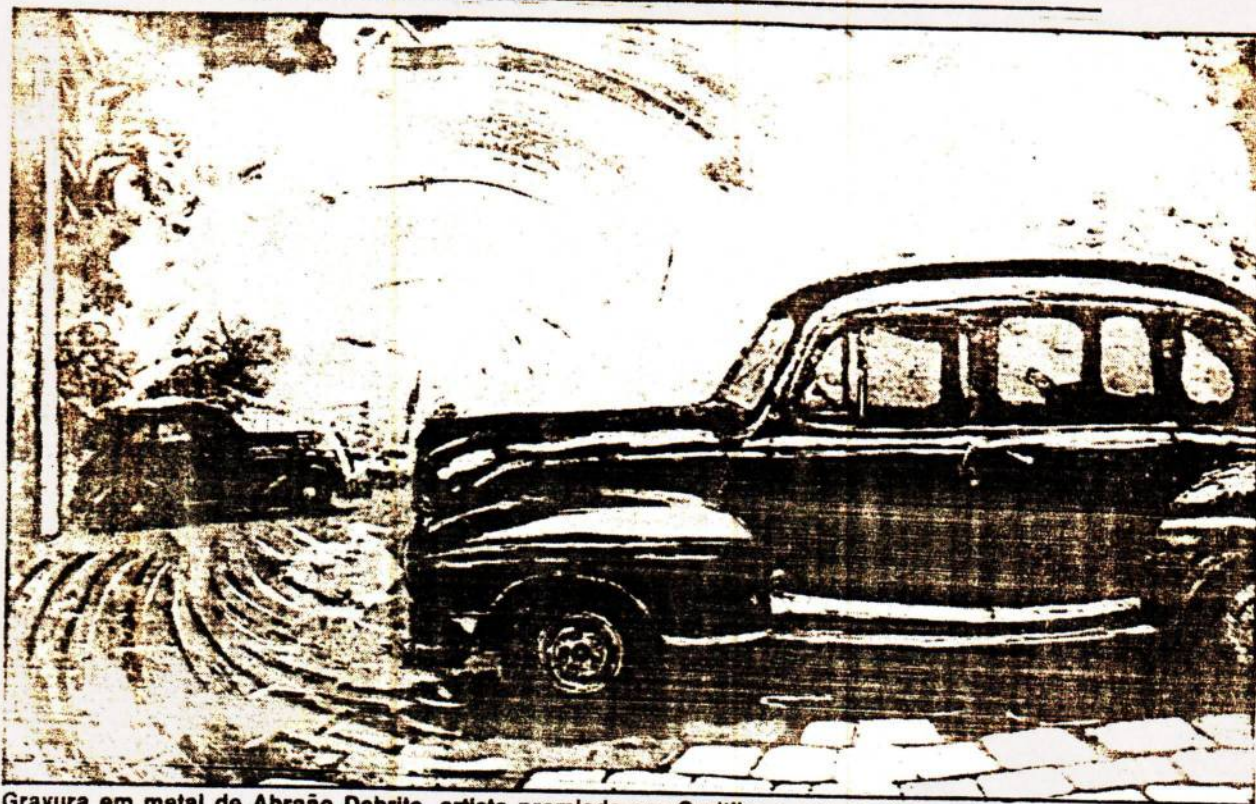
O "Gabinete de gravura" da Escola de Artes Visuais do Parque Lage mostra até o dia 5 de maio as 26 gravuras em metal de autoria de 13 artistas, e fazem parte do acervo do centro de gravura do Museu Lasar Segall de São Paulo.

O GLOBO

Fundador: IRINEU MARINHO

Diretor-Redator-Chefe: ROBERTO MARINHO

ANO LXV — RIO DE JANEIRO, TERÇA-FEIRA, 13 DE MARÇO DE 1990 — Nº 20.565



Gravura em metal de Abraão Debrito, artista premiado em Curitiba e que participou da Bienal de Porto Rico

Mostra no Parque Lage reúne artistas do Sesc

Gravuras à vista

SOFIA CERQUEIRA

O Gabinete de Gravuras da Escola de Artes Visuais do Parque Lage abre as suas portas hoje, às 19h, para a primeira mostra do ano. Dando continuidade a um trabalho iniciado em abril do ano passado pelo pintor Luis Aquila, de criar um novo espaço para expor trabalhos de gravadores de todo o País, o Parque Lage recebe a Oficina de Gravura do Sesc. Estarão expondo 12 artistas, entre alunos e professores. A mostra, que pode ser visitada de segunda a sexta-feira, das 10h às 19h, conta com 36 trabalhos de xilografia e gravura em metal.

Com a proposta de incentivar novos gravadores — que se dedicam a uma arte múltipla e milenar, mas muito pouco divulgada —, o Parque Lage vem recebendo regularmente núcleos de formação de artistas de várias regiões. Como a Oficina de Gravura do Ingá, a Casa de Gravura

de Curitiba, a Escola de Belas Artes da UFRJ, o núcleo de gravura de Guainases, em Olinda, entre outros. Segundo a artista plástica Malu Fatorelli, coordenadora desse trabalho, as mostras são sempre coletivas e com um apoio didático. Ou seja, em todas as exposições, o público, além de conhecer os trabalhos dos gravadores, tem a oportunidade de ver como são e como funcionam os ateliês, através de fotos e textos.

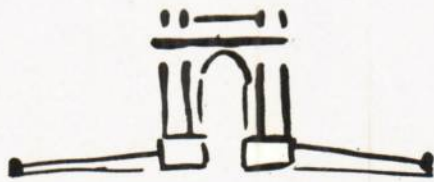
— A nossa maior preocupação foi dar a essa arte o seu devido reconhecimento, criando um espaço exclusivo para expor a produção desses núcleos de gravuras, que estão espalhados por todo o Brasil e não encontram galerias especializadas — diz Malu.

Para abrir a agenda de exposições de 1990, o Gabinete de Gravura do Parque Lage convidou a Oficina de Gravura do Sesc da Tijuca, dirigida pela gravadora Heloisa Pires Ferreira. Estarão participando da mostra nove alunos, entre eles Abraão Debrito — que está no Sesc

há cinco anos, foi premiado na Mostra de Gravura da Cidade de Curitiba e já participou da Bienal de Porto Rico.

— O Abraão tem toda uma história especial. No início ele frequentava a oficina na hora do almoço e durante as folgas que tinha na empresa onde trabalhava. Acabou sendo contratado pelo Sesc para serviços gerais e agora tem mais tempo para se dedicar ao ateliê — conta Heloisa.

Além da própria diretora da Oficina de Gravura do Sesc, a mostra, que fica no salão da biblioteca do Parque Lage até o dia 7 de abril, conta com a participação dos professores Mário Orlando e Ana Carolina, artista sempre presente no circuito das artes no Brasil. Em 17 anos de carreira, ela já fez 24 exposições individuais, inúmeras coletivas e foi premiada em vários salões. Estarão expondo ainda a arquiteta e gravadora Liège Nascimento e os novatos Armando Carvalho Pereira e Tereza da Rocha.



ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE

31 de outubro/30 de dezembro

NUCLEO DE GRAVURA DA ESCOLA DE BELAS ARTES/UPRJ

Rio de Janeiro/RJ

Afhro, Ana Carrero, Marcelo Frazão, Guto Nóbrega, Marcos Cardoso, José Carvalho, Marcos Varela, Marcelo Vianna, Alexandre Alves, Rejane Santos, Mi da Costa, Ricardo Pereira, Colossi, Kazuo Iha, Sergio Laks, Marcia Tadea Pagani, Ronaldo Rocha, Claudia Rodrigues, Leonardo Carvalho, Vera C. Rigo, Glaucia Reys, Fiorela de Salles, Fábio Onofre, Thais, Elizabeth Bravo, Elisa, Nena Balthar, Adir Botelho, Joaquim Sobral, Arthur Rosa, Gian Shimada, Marcelo Brantes, Viviane Barrera, Gisele Cardoso, Karen Cristina, Madalena Jada, Alessandra, Maria Sã, Maria Mobuko, Alice Cavalcanti, Sergio Nogueira, Rosi Orsi, Aldfran.



ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE

O ensino da gravura na antiga Escola Nacional de Belas Artes começou em 1951 com o pintor e gravador Raimundo Brandão Cela. Mais tarde, em 1954 com a morte de Cela, Oswaldo Goeldi passa a ser o responsável pelas aulas de gravura naquele instituto, permanecendo então à frente do Atelier de Gravura.

A litografia começou a ser lecionada em 1961 pelo pintor e gravador ~~Abmés~~ de Paula Machado. Na época havia também o curso de Litografia promovido pelo Diretório Acadêmico da Escola, a cargo de Darel Valença.

Atualmente, os ateliês de Gravura e Litografia da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro são dirigidos pelos gravadores Adir Botelho, Marcos Valença e Kazuo Iha. Para seus dirigentes, "o núcleo de Gravura da Escola de Belas Artes representa para a arte brasileira, um dos mais importantes centros de formação profissional da gravura artística no país".

AGENDA

ARTES PLÁSTICAS

15 gravadores do Ateliê de Gravura da Escola de Belas Artes movimentam o Gabinete de Gravuras do Parque Lage. Pela escola, criada por Raimundo Brandão Cela, passaram nomes como o de Goeldi, e de Ahmes de Paula Machado. Desta mostra, participam Ni da Costa, Afro, Alexandre, Alves, Ana Carreiro, G. Nóbrega, Colossi, Gisele Cardoso, José Carvalho, Marcelo Vianna, Marcelo Frazão, Marcos Varela, Rejane Santos, Ricardo Pereira, Wanelytcha e M. Cardoso.

O globo - Ipanema

R.J. 6.11.89

Segunda-feira, 6 de novembro de 1989 n° 387

Exposição de gravuras de 15 artistas na EAV

Estão em exposição na Escola de Artes Visuais (EAV) do Parque Lage, até o fim do ano, trabalhos de 15 artistas plásticos ligados ao ateliê de gravura da Escola de Belas Artes, da UFRJ. Esta exposição faz parte de uma proposta de trabalho do Gabinete de Gravura da EAV, que foi criado no fim do ano passado e tem apresentado, através de exposições, as criações de ateliês de todo o Brasil, como, por exemplo, o In-gá, de Niterói; a Oficina de Gravura do Largo do O, de Tiradentes (Minas Gerais); a Oficina Guaianases, de Olinda (Pernambuco); e o carioca Ateliê 78.

Para 1990, já está na programação do Gabinete realizar as exposições dos trabalhos do ateliê do Sesc da Tijuca e da Universidade de Brasília. As mostras têm sido realizadas sempre na biblioteca da EAV onde segundo a Coordenadora do Gabinete, Malu Fato-relli, há um clima especial para apresentação dos trabalhos:

— Afinal, o livro e a gravura têm uma origem bastante próxima.

E como a maioria das gravuras é feita em papel, há uma excelente casamento entre a exposição e a biblioteca.

Porém, como o número de trabalhos oferecidos pela Escola de Belas Artes da UFRJ é muito grande, o Gabinete vai realizar uma mudança de peças, dividindo a exposição em três etapas. A primeira foi inaugurada na semana passada e segue até 20 de novembro. No dia seguinte será inaugurada a segunda etapa. A terceira está marcada para o dia 12 de dezembro.

Malu, que além de professora de gravura da Escola de Artes Visuais é arquiteta, acha que os alunos têm muito a aprender com o que vem sendo mostrado nas exposições, mas que também há interesse por parte do público que não está diretamente ligado à EAV.

Continuam em exposição, também na EAV, os trabalhos de Arthur Bispo, até o dia 19 de novembro. A Escola de Artes Visuais do Parque Lage fica na Rua Jardim Botânico 414

O globo - Ipanema
Rio de Janeiro segunda-feira
30 de outubro de 1989
n° 386

Uma exposição de gravuras na EAV

Quinze gravadores da UFRJ expõem seus trabalhos, a partir de hoje até 8 de dezembro, no Gabinete de Gravuras da Escola de Artes Visuais (EAV) do Parque Lage, na mostra "Ateliê de gravura da Escola de Belas Artes". São obras feitas em diferentes técnicas de metal, xilografia e litografia.

O ensino de gravura na antiga Escola Nacional de Belas Artes está completando 38 anos e começou pelas mãos do pintor e gravador Raimundo Brandão Cela. Com a morte de Cela, em 1954, Oswaldo Goeldi tomou o lugar de responsável pelo Ateliê de Gravura da

UFRJ. Ahmes de Paula Machado introduziu, em 1961, o ensino de litografia e o ateliê começou a lançar artistas plásticos famosos, como Adir Botelho e Kazuo Iha.

O diretor dos ateliês de gravura e litografia da Escola de Belas Artes da UFRJ, Marcos Valença, diz que o centro é único no País e representa para a arte brasileira o mais importante centro de formação profissional da gravura artística no País.

A mostra fica aberta de segunda a sexta, das 10h as 19h. O Parque Lage fica na Rua Jardim Botânico 414.



**OFICINA
GUAIANASES
DE
GRAVURA**



OLINDA-PE



A Oficina Guaianases de Gravura foi fundada em 17 de março de 1979, no bairro de Campo Grande, Recife. Ali, na rua Guaianases, uma rua então descalçada, numa pequena casa, Delano e João Câmara, interessados em litografia, instalaram uma prensa manual, por volta de 1974. Com algumas pedras emprestadas pela gráfica Apolo e com a assistência do mestre impressor Alberto Barros, irmão de “seu” Chiquinho, dono da Apolo, os dois artistas aprenderam os rudimentos da técnica litográfica. Neste atelier João Câmara executou as cem litografias da série *Cenas da Vida Brasileira*.

Neste período foram compradas pedras e prensas de velhas litografias que fechavam, sufocadas pela crise das pequenas indústrias aguarenteiras e pela dificuldade em concorrer com as gráficas de processo *off set* no ramo de rotulagem.

Em 1978, por convite dos dois artistas, pintores e desenhistas amigos, curiosos da técnica, começaram a fazer tiragens no atelier. Já então havia a colaboração do impressor Hélio Soares, oriundo da gráfica Apolo e também impressor de máquina plana.

Em pouco tempo, cerca de vinte artistas trabalhavam na pequena casa. Havia a necessidade de limpar as pedras, estocar papel, fixar horários de impressão, pagar impressores com regularidade.

Como grupo informal de artistas, reunidos exclusivamente no interesse pela técnica, foi feita a primeira exposição coletiva em agosto de 1978 na Galeria Abelardo Rodrigues. Executar catálogo e cartaz, montar a exposição, planejar despesas, deu sentido de equipe ao grupo. Decidiu-se formalizar o atelier.

A primeira edição coletiva da Oficina foi o álbum “Imagens do Recife”, um estojo de excelente qualidade encartando vinte litografias originais de seus sócios, numa edição de cem exemplares, encomendada pela Prefeitura da Cidade do Recife.

Nas imagens, ia-se desde a memória da iconografia urbana até o flagrante contemporâneo da orla da praia, passando pelos tipos humanos, o mangue e a maré, o perfil do porto. Mas, este álbum seria também a despedida da Oficina do Recife. Apertada na pequena casa, tendo comprado materiais próprios, incorporado prensas para gravura em metal e xilogravura, a Oficina já não cabia nos quartinhos e espaços compartimentados. O quintal da casa alagava, os artistas trabalhavam com os pés dentro d’água. Urgia mudar.

A proposta mais consistente para instalação da Oficina partiu de Germano Coelho, Prefeito de Olinda na época. O conjunto do Mercado da Ribeira passava por uma restauração e reforma. As obras de estruturação do prédio central exigiram uma cinta de lage no contraforte para o lado da rua Porto Seguro. Sobre a lage formou-se um mirante para o morro da Sé. Sob a lage criou-se um espaço comprido vazado por arcadas. Ali se pensava fazer um restaurante. Em vez disto, mais salutarmente, instalaram-se, através de Convênio de ação cultural, as prensas, pedras, máquinas e artistas da Oficina Guaianases. No salão do prédio central, agora, são feitas as mostras da Oficina.

Desde o seu princípio, a Oficina teve consciência de que, no caso da litografia, não era suficiente o uso puro e simples da técnica. Havia a

necessidade de preservar e recuperar um procedimento gráfico nobre que, além de artístico, teve aplicação significativa na indústria e comércio.

A OGG dispõe de uma impressora litográfica plana, automática, uma prensa litográfica motorizada, duas prensas litográficas manuais, além de duas prensas para gravura em metal e outras técnicas, possuindo, ainda, uma impressora tipográfica e guilhotina para papel.

Possui um acervo de mais de 200 pedras litográficas de diversos tamanhos, bem como todo material, ferramentas e equipamentos necessários à impressão litográfica e em metal.

Tem no seu acervo uma coleção de todas as gravuras BT (Bom para Tirar) de seus associados desde a fundação, além de trabalhos de artistas não associados que imprimiram na Oficina.

Possui, ainda, uma coleção de rótulos litográficos industriais de valor histórico e de pedras matrizes com imagens litográficas de valor iconográfico.

A sociedade tem por objetivo a prática e difusão da gravura artística em todas as suas modalidades, pelos seus sócios-artistas, o patrocínio de exposições e edições de seus artistas gravadores, além do desenvolvimento de atividades didáticas e outras compatíveis com os objetivos da Oficina.

Através do convênio firmado com a Fundação do Centro de Preservação dos Sítios Históricos de Olinda, tem realizado mostras, cursos e impressão de cartazes, integrando-se à comunidade olindense em seus festejos e manifestações.

A Oficina realiza anualmente mais de um curso nas áreas técnicas da gravura, especialmente litografia, com aperfeiçoamento de seus sócios e incorporação de novos artistas ao seu quadro social. Em suas prensas foram tiradas gravuras de mais de uma centena de artistas. Na Guaianases foi produzida e impressa a série "Olinda" de Aloísio Magalhães, última obra do artista.

Também no sentido de aperfeiçoamento, a Oficina Guaianases tem apoiado seus sócios



em cursos e estágios fora do Estado. Tal foi o caso do curso de litografia avançada, ministrado por Garo Antreasian, fundador do Tamarind Institution, em São Paulo. As informações colhidas são repassadas para os outros sócios e pessoas interessadas através de cursos práticos.

A Oficina conta com mais de duas centenas de artistas e contribuintes associados, continuando a ser uma sociedade sem fins lucrativos, administrando-se a partir dos recursos gerados por suas atividades culturais e de edição. Em 1987 foi considerada como produtora cultural apta para os benefícios da Lei Sarney de Incentivo à Cultura.

Abrigando artistas de várias tendências, sem impor normas de produção baixamente comerciais, a Oficina tem dado mostras de que é possível o espírito associativo em convívio com profissionalismo e individualidade criadora.

Atualmente a Oficina distribui sua sede, parque gráfico, sala de aulas, lojas e sala de exposição em Olinda e na casa nº 28 da Rua do Amparo, conforme Contrato de Comodato com o Governo do Estado de Pernambuco através da FUNDARPE.

A Oficina Guaianases através do trabalho de seus artistas associados deixa impressa, ao longo do tempo, sua marca, como legítima expressão da criatividade pernambucana e nordestina.



SECRETARIA DE TURISMO
CULTURA E ESPORTES

PERNAMBUCO
GOVERNO DO ESTADO

OFICINA GUAIANASES DE GRAVURA
OLINDA-PE

MEMÓRIA DE PEDRA

As imagens deste álbum são de rótulos litográficos que dormiam na serena superfície da pedra. Há algo de misterioso na litografia e todo litógrafo artista, que ame de fato seu material, sabe disso. A pedra, com seu peso e sua densidade, imprime sua idade geológica no trabalho gráfico. Trata-se mais da duração do que do tempo, diria alguém sábio de verdade.

Pouco antes e durante a apressada industrialização off set, que deixou nas prateleiras e nas massas falidas essas belas pedras, a técnica litográfica teve, em Pernambuco, um foco de importante atividade. São já históricas as litografias de Carls, os finos desenhos de Schlappriz, o padrão gráfico dos Dreshler. Fábricas como a CAXIAS e a LAFAYETTE e gráficas como a OMMUNDSEN, a LUSITANA, a APOLO, a IMPERIAL e tantas outras, perpetuaram esta técnica até meados dos anos 60, quando a descapitalização e os sinais de obsolescência se impuseram à teimosia e mesmo ao fanatismo dos litógrafos.

Os rótulos de cachaça, de vinagre, de vinhos e sucos de frutas da terra não seriam hoje a superfície do sonho e do pesadelo da indústria nacional? Na evanescência destas imagens ou no seu persistente sabor não se mistura por acaso a nostalgia e a amarga frustração das pequenas indústrias nativas?

A OFICINA GUAIANASES acredita que a memória e a recuperação destas imagens é um ato de consciência e sonho nos valores que nos cercam, o que também conforma uma lição de sobrevivência.

JOÃO CÂMARA
Olinda, agosto/1984



Conjunto Mercado do 4
 Ribera
 Lofs. de Artesanato.
 Oficina Guaianases

Sobrado - Oficina Guaianases
 4 Olinda



los de bebidas produzidos artesanalmente

pelelo gargalo

SERDON

Rua da Conceição, 105
Gr. 2211 - Tel.: 233-0382
Rio de Janeiro - RJ

DATA

JAN 1990

PAGINA

14

Jornal do comércio
Janeiro - 1990

Um pileque de rótulos em litografia

Já não se fazem rótulos como antigamente. O trabalho artesanal de impressão litográfica dos rótulos e uma parte da história das pequenas indústrias brasileiras estarão brindando a primeira exposição do ano no Parque Lage. A Escola de Artes Visuais abre nesta terça-feira a exposição "Rótulos Litográficos Antigos", mostrando 36 rótulos de bebidas que pertencem ao acervo da Oficina Guaianases de Gravura, de Olinda, Pernambuco. Todos são anteriores à década de 60.

Isso quer dizer que há mais de 30 anos estes rótulos não freqüentam armazéns, botecos, botequins e biros-

cas. Para quem conheceu os antigos rótulos da época vai ser uma viagem quase etílica ao passado recente. Para os mais jovens, uma oportunidade de comparar as novas técnicas de impressão com a antiga litográfica. Fora a vantagem de conhecer bebidas e marcas nacionais que deixaram de existir. O intelectual e historiador da cultura nordestina João Câmara afirma que os rótulos de cachaça, vinagre, vinhos e sucos de frutas da terra podem simbolizar a superfície do sonho e do pesadelo da indústria nacional. "Na evanescência destas imagens ou no seu persistente sabor não se mistura por acaso a nostalgia e a amarga frustração das pequenas in-

dústrias nativas? — questionava ele, em agosto de 1984. "A oficina Guaianases acredita que a memória e a recuperação destas imagens é um ato de consciência e sonho dos valores que nos cercam, o que também conforma uma lição de sobrevivência" — concluiu João Câmara.

A mostra de rótulos de bebidas que "dormiam sobre a pedra" antes da industrialização e da impressão off-set traz a oportunidade de tomar um porre de cultura nacional, permitido a todas as idades. A exposição vai até o dia 28 de fevereiro, de segunda a sexta, das 10 às 19 horas, no Gabinete de Gravuras da EAV.



Exposição reúne rótulos de bebidas produzidos artesanalmente

A arte pelo gargalo

MÃNYA MILLEN

Foi-se o tempo em que os rótulos de bebidas eram impressos em processo litográfico. A chegada do off-set tirou essa pedra do meio do caminho e transformou o trabalho artesanal em obsoleto, impróprio para a modernidade da industrialização que avançava. Mas pelo menos até meados da década de 60, verdadeiras obras de arte frequentaram as garrafas de aguardente, vinagres e vinhos, de algumas marcas que até hoje sobrevivem. O Gabinete de Gravuras da Escola de Artes Visuais, no Parque Lage, recuperou parte dessa memória etílica e hoje inaugura a exposição "Rótulos litográficos antigos". São 36 gravuras, todas anteriores à década de 60, que fazem parte do acervo da Oficina Guaianases, de Pernambuco.

Todos os rótulos foram fabricados por pequenas indústrias nordestinas, a maioria delas pernambucana e muitas já extintas. Malu Fatorelli, Coordenadora do Gabinete, conta que a Oficina Guaianases ainda possui algumas dessas matrizes, enormes blocos de pedra minuciosamente entalhados.

— Esta exposição é apenas uma pequena parte de um grande acervo e mostra o que não existe mais, dá o sentido da época, de conjunto — comenta Malu.

Os nomes engraçados como "Martelinho", "Piranha" ou "Uisque do Norte" — que apesar do nome é uma cachaça — só se comparam aos próprios desenhos dos rótulos, alguns aparentando sofisticação e outros mal disfarçando a precariedade dos recursos utilizados na época. E se hoje a litografia não frequenta mais as prateleiras dos botecos, pode figurar nas paredes de



Os rótulos artesanais eram comuns até a década de 60

refinadas galerias de arte. Claro, nem todos os artistas têm acesso a elas e é exatamente aí que entra o Gabinete de Gravuras.

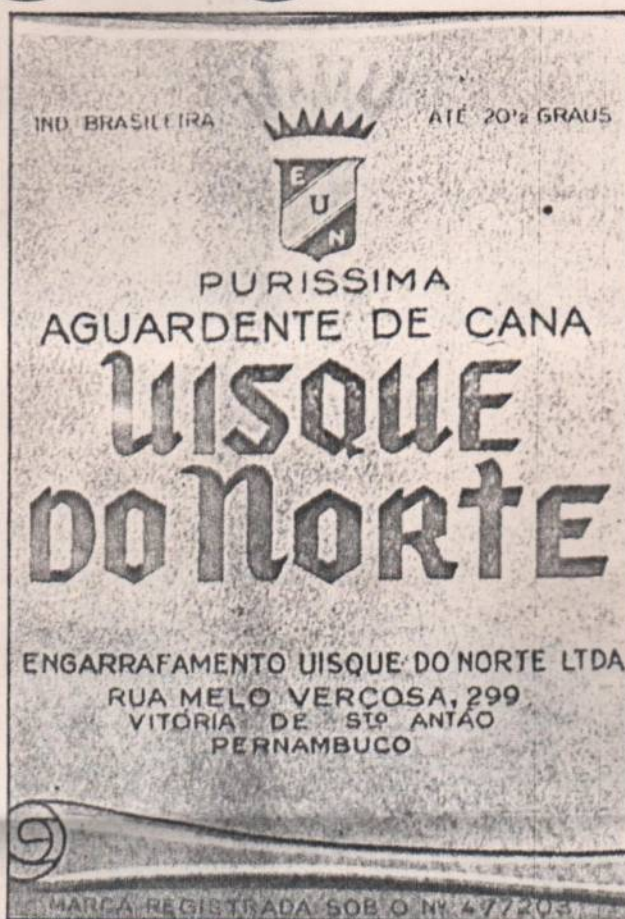
— A idéia é justamente estabelecer o intercâmbio, mostrar o que não é visto nas galerias — explica Malu.

Desde que foi criado, em abril do ano passado, o Gabinete expôs trabalhos de vários locais, como por exemplo a Casa da Gravura de Curitiba, uma das principais do País, que possui inclusive uma bienal de gravuras. "É mais fácil trabalhar com grupos ou associações", define a Coordenadora. Uma dessas facilidades é a de Malu não funcio-

nar como uma curadora, escolhendo as obras a serem expostas.

— Eu faço questão de que tudo já venha determinado. É quase como se existisse uma curadoria local e, sem paternalismos, a gente mostra tudo. Não decidimos o que é ruim ou bom — afirma.

Apesar de não existir um padrão de qualidade, Malu alega que praticamente todos os trabalhos que chegam são excelentes. A mostra "Rótulos litográficos antigos" vem acompanhada de um texto do artista João Câmara, um dos fundadores da Ofici-



A falta de recursos da época fica clara em alguns impressos

na Guaianases. Seja pelo saudosismo de se rever alguns velhos companheiros de bar, para alguns, ou pelo ineditismo que eles apresentam, para outros, a exposição vale a pena ser vista. Tim-tim.

■ **RÓTULOS LITOGRÁFICOS ANTIGOS** — Trinta e seis rótulos de bebidas anteriores à década de 60. No Gabinete de Gravuras da Escola de Arte Visuais do Parque Lage (Rua Jardim Botânico 414 — 294-2602). Horário de visitação: de segunda a sexta, das 10h às 19h. Até dia 28 de fevereiro. Abertura hoje, 19h.

ARTES PLÁSTICAS

WALMIR AYALA

Técnicas gráficas

Prosseguindo neste auspicioso reflorescimento da arte da gravura, especialmente pela abertura da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, dando cobertura aos laboratórios estaduais (leia-se regionais) de artes gráficas, temos hoje uma inauguração importante. No espaço da EAV poderemos conferir o trabalho da Escola de Gravura da Paraíba, através da obra de oito artistas.

Na palavra de Unhandeijara Lisboa, presidente do Clube de Gravura da Paraíba, temos uma idéia clara do processo desse grupo: "Montamos uma oficina/laboratório de experimentação gráfica, a partir de um grupo entusiasmado pela arte de Guttenberg. Um clube que não fosse somente um aglomerado social de artistas, e sim um laboratório de pessoas aguçadas com as novas linguagens gráficas, em harmonia com os antigos processos gráficos e suas técnicas em gravura, estando, por assim dizer, mais perto da nossa realidade. Instalamos um atelier/oficina para o desenvolvimento da prática da gravura em suas múltiplas técnicas. Criamos um espaço para mostrar nossa produção gráfica e, ao mesmo tempo, uma abertura através de intercâmbio com outros clubes/oficinas e gravadores do País e do exterior. Um espaço para discussão e exposição de gravuras. Quando falamos que a nossa idéia era diferente, foi porque é do conhecimento de todos que nos demais clubes/oficinas só se desenvolviam trabalhos nas técnicas de xilogravura, gravura em metal e li-

tografia, como é o caso da bem-sucedida Oficina Guaianases de Gravura, da cidade de Olinda. Agora colocamos em julgamento nossas experiências — nas técnicas de xilogravura, gravura em metal, litogravura, xerogravura, serigrafia, monoserigrafia, rologravura, monotipia, monoxilografia, linoleogravura, ferrogravura, papelogravura, documentogravura, além de experiências do laboratório de gráfica do clube e de uma pequena mostra iconográfica desses cinco anos de existência — para a crítica e o público em geral.

Os artistas reunidos neste coletivo são: Chico Dantas (serigrafia), Diógenes Chaves (monoserigrafia), Daniel Santiago (heliogravura), Fred Svendsen (serigrafia), Paulo Bruscky (xerogravura/fax), Pedro Osmar (serigrafia), Unhandeijara Lisboa (xilogravura), W. Wagner (litografia). Este grupo está no ponto de gravura e gravador Orlando Dasilva, criador de vários processos muito simples e rendosos de pesquisa gráfica. É ele, sem dúvida, o laboratório vivo mais competente da arte gráfica, do colecionismo, das possibilidades das técnicas convencionais, e do domínio de técnicas pouco conhecidas. Deixo para os paraibanos e para a Escola de Artes Visuais o telefone de Orlando Dasilva: (0244)850045, em Parí dos Alferes, Estado do Rio de Janeiro. Bom encontro e bom proveito!

(Correspondência para esta coluna: Praia do Flamengo 172, ap 301, Rio de Janeiro, CEP 22210)

JORNAL DO
COMÉRCIO
Rio de Janeiro
9 Ago. 1990

Walmir Ayala

Clube da gravura paraibana

Até 15 de novembro, a Escola de Artes Visuais do Rio de Janeiro (Rua Jardim Botânico, 414) estará expondo obras de artistas integrantes do Clube de Gravura da Paraíba, reunindo diversas técnicas: serigrafia (Chico Dantas, Fred Svendsen e Pedro Osmar), monoserigrafia (Diógenes Chaves), heliogravura (Daniel Santiago), xerogravura/fax (Paulo Bruscky), xilogravura (Unhandeijara Lisboa) e litografia (W. Wagner). Vale a pena aferir todo esse leque de experiências recém-chegadas do Nordeste.

PARAÍBA CLUBE DA GRAVURA PARAÍBA

CURADORIA: DIÓGENES CHAVES

PROJETO GRÁFICO: LABORATÓRIO DE GRÁFICA DO CLUBE DA GRAVURA-PB

APOIO: • GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA

• SINDICATO DOS ARTISTAS PLÁSTICOS DA PARAÍBA
• PREFEITURA DE JOÃO PESSOA
SEDEC/DEPARTAMENTO CULTURAL



ESCOLA DE ARTES VISUAIS
RUA JARDIM BOTÂNICO, 414
PARQUE LAGE
RIO DE JANEIRO-RJ
CEP 22.461



CLUBE DA GRAVURA-PB
RUA SEN. JOÃO LIRA, 697 "C"
JAGUARIBE
JOÃO PESSOA-PB
CEP 58.015



FUNESC
FUNDAÇÃO ESPAÇO CULTURAL
DA PARAÍBA

Um Clube de Gravura não é uma idéia nova. Existiram muitos ateliês de gravura no Brasil que tornaram-se escolas formando grandes gravadores. Alguns deixaram de existir, outros ainda teimam em permanecer vivos, apesar da marginalização do trabalho de arte em papel como suporte. A nossa idéia, acredito, é um pouco diferente. Montamos uma oficina/laboratório de experimentação gráfica, a partir de um grupo entusiasmado pela arte de Gutemberg. Um clube que não fosse somente um aglomerado social de artistas, e sim um laboratório de pessoas aguçadas com as novas linguagens gráficas, em harmonia com os antigos processos gráficos e suas técnicas em gravura – estando, por assim dizer, mais perto de nossa realidade.

Instalamos um ateliê/oficina para o desenvolvimento da prática da gravura em suas múltiplas técnicas. Criamos um espaço para mostrar nossa produção gráfica e, ao mesmo tempo, uma abertura através de intercâmbio com outros clubes/oficinas e gravadores do País e Exterior: um espaço para discussão e exposição da gravura.

Quando falamos que a nossa idéia era diferente, foi porque é do conhecimento de todos que nos demais clubes/oficinas só desenvolviam-se trabalhos (quase que exclusivamente) nas técnicas de xilogravura, gravura em metal e litografia – como é o caso da bem sucedida Oficina Guaianases de Gravura, da cidade de Olinda.

Nossa idéia tomou corpo efetivamente quando resolvemos – nós que fazemos a gravura na Paraíba – que uma idéia brilhante não deve ficar na cabeça nem em papéis ou projetos visionários, mas sim colocada em prática.

Agora colocamos em julgamento nossas experiências – nas técnicas Xilogravura, Gravura em Metal, Litografia, Xerogravura, Serigrafia, Monoserigrafia, Rologravura, Monotipia, Monoxilotipia, Linóleogravura, Ferrogravura, Papelogravura, Documentogravura, além de experiências do laboratório de gráfica do clube e de uma pequena mostra iconográfica desses cinco anos de existência – para a crítica e o público em geral.

Unhandeijara Lisboa
Presidente do Clube da Gravura da Paraíba

CHICO DANTAS

SERIGRAFIA

DIOGENES CHAVES

MONOSERIGRAFIA

DANIEL SANTIAGO

HELIOGRAVURA

FRED SVENDSEN

SERIGRAFIA

PAULO BRUSCKY

XEROGRAVURA/FAX

PEDRO OSMAR

SERIGRAFIA

UNHANDEIJARA LISBOA

XILOGRAVURA

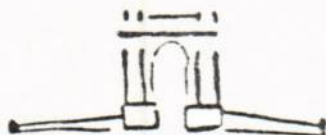
W. WAGNER

LITOGRAFIA



ESTA MOSTRA É UMA HOMENAGEM À GRAVADORA MARIA BONOMI,

VERNISSAGE: 7 AGOSTO 1990 • 19:00 HORAS • EXPOSIÇÃO: 7 AGOSTO A 15 SETEMBRO 1990
GABINETE DE GRAVURA • ESCOLA DE ARTES VISUAIS • PARQUE LAGE • RIO DE JANEIRO-RJ



ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE

ATELIER MAM - PORTO ALEGRE

MARIA LOGUERCIO
ANICO HERSKOVITS
MARIA TOMASELLI

IBERÊ CAMARGO
CARLOS WLADIMIRSKY
MIRIAM TOLPOLAR
CRIS ROCHA
CLARA PECHANSKY
PAULO CHIMENDES
NELSON JUNBLUTH

/mmig.:

A sigla MAM é formada pelas iniciais dos nomes de Marta Loguercio, Anico Herskovits e Maria Tomaselli, artistas de formação diversa, mas que têm em comum a passagem pelo Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre, onde entraram em contato com a técnica da litografia. Dos encontros no ALP, nasceu a vontade de formar um atelier próprio, onde poderiam dedicar-se mais ao trabalho litográfico. Em 1981, vindo de encontro a este desejo, as três artistas encontraram em um ferro-velho de P. Alegre, uma antiga prensa tipográfica alemã que, adaptada, poder a se transformar em prensa litográfica. Esta prensa veio a se constituir no núcleo em torno do qual se formou o conjunto total do atelier: pedras litográficas, rolos, materiais químicos...

O Atelier MAM de Porto Alegre, que funciona efetivamente desde 1983, em um antigo casarão do início do século, está aberto a todas as pessoas que se interessem pela litografia como linguagem artística. Cursos temporários também aí são ministrados pelas próprias artistas que dele fazem parte. Promove encontros culturais, edita gravuras e livros de artistas, propiciando também treinamento de técnicos na área gráfica.

Entre os nomes que passaram pelo Atelier MAM, nestes anos de atividades, podemos citar: Iberê Camargo, Carlos Scliar. Sob a orientação do impressor Octávio Pereira, ambos realizaram trabalhos que vieram a se constituir nos últimos trabalhos litográficos do famoso impressor, em temporada que passou no Atelier MAM (87/88): tanto as litos de Iberê, como o álbum de Scliar sobre os 90 anos de Carlos Prestes, puderam ser vistos na última Bienal Internacional de S. Paulo.

Após ter apresentado parte de sua produção ao público carioca - SALA CARLOS OSWALD do Museu Nacional de Belas Artes, de jan. a abril/90 - o MAM Atelier de Gravura de Porto Alegre, agora expõe no Gabinete de Gravura da EAV (P. Lage), continuando um trabalho que vem sendo desenvolvido neste espaço e que já apresentou núcleos a ateliês de gravura de todo o país. A exposição no Parque Lage inaugura no dia 08 de maio às 19 horas e permanece até o dia 16 de junho de 90. Além dos artistas proprietários do ateliê - Maria Tomaselli, Anico Herskovits e Marta Loguercio - estarão participando os artistas: Iberê Camargo, Carlos Vladimirovsky, Roseli Pretto, Léo Dexheimer, Alfredo Nicolaiewsky, Miriam Tolpolar Cris Rocha, Clara Pechansky, Paulo Chimendes e Nelson Junbluth. A mostra composta por 14 litografias, três álbuns e o VIDEO ATELIER MAM (sobre o funcionamento do atelier, a história e a técnica da litografia).

MAM, de Marta, Anico e Maria

A Escola de Artes Visuais, Parque Lage, expõe até o dia 16 os trabalhos em litografia de Marta Loguercio, Anico Herskovits e Maria Tomaselli. São três artistas de formação diferente, mas que têm em comum a paixão pela litografia e a passagem pelo Ateliê Livre da Prefeitura de Porto Alegre. As gaúchas se juntaram e formaram um ateliê, cuja prensa litográfica foi encontrada num ferro-velho de Porto Alegre. A antiga prensa alemã adaptada pôde transformar o desejo de Marta, Anico e Maria, as "MAM" numa verdadeira oficina de edição de gravuras, livros e treinamento técnico na área gráfica. Entre os que passaram pelo ateliê MAM de Porto Alegre estão Carlos Scliar, Iberê Camargo. Parte da exposição que está agora no Parque Lage, foi vista pelo público de janeiro a abril deste ano, no Museu Nacional de Belas Artes. Além de obras de autoria das MAM, a mostra tem trabalhos de Iberê Camargo, Carlos Wladimirsky, Rosely Pretto, Léo Dexheimer, Alfredo Nicolaiewsky, Miriam Tolpolar, Cris Rocha, Clara Pechansky, Paulo Chimendes e Nelson Junbluth, o vídeo "Atelier Man" também faz parte desta mostra, de segunda a sexta-feira, das 10 às 19 horas.

A litografia que vem do Sul

A gravura está em alta. A jovem-guarda gráfica dá sinais de presença, se desentoca e põe a mão na massa. A gravura está viva! Dois núcleos aqui no Rio de Janeiro estão ativos, ligados, reformulando aquele belo processo humano que envolve a gravura, o grupal. A pintura é um ato solitário, os pintores sofrem ou gozam sozinhos. A gravura sempre foi uma atividade coletiva e coesa, apoiando-se e criando seus espaços de questionamento. Os núcleos a que me refiro são a Oficina de Gravura do Sesc e o Gabinete da Gravura da Escola de Artes Visuais, este dirigido por Malu Fatorelli.

Desta oficina acabo de receber notícias da inauguração, no próximo dia 8, da exposição coletiva com um grupo de artistas gaúchos, liderados pelo ateliê MAM de Porto Alegre. MAM, neste caso, não quer dizer Museu de Arte Moderna, como estamos acostumados a traduzir, a sigla designa um ateliê formado por três gravadores, Marta Loguercio, Anico Herskovits e Maria Tomaselli, resulta da reunião de suas iniciais. O grupo tem história. Funciona desde 1983 e é especializada em litografia.

Os três fundadores passaram pelo ateliê litográfico do Ateliê Livre da Prefeitura de Porto Alegre. Houve entre eles, inicialmente, o desejo de trabalhar juntos. Num ferro velho de Porto Alegre encontraram uma antiga prensa alemã que, adaptada, poderia se trans-

ca. Esta foi a matriz do sonho e da ação. Em 1983 instalaram o ateliê num velho casarão da cidade, aberto a todas as pessoas que se interessassem pela litografia como linguagem de arte. Inauguraram cursos temporários, promoveram encontros culturais, editaram gravuras e livros, ampliando-se na iniciação de técnicos na área gráfica. Os últimos trabalhos do famoso impressor Octávio Pereira, recentemente falecido, foram realizados nesse ateliê, sobre trabalhos de Iberê Camargo e Carlos Scliar.

O ateliê MAM, de Porto Alegre, já se apresentou no Museu Nacional de Belas Artes, na Sala Carlos Oswald, de janeiro a abril do ano em curso. Nesta nova mostra ampliou o material a ser proposto, acrescentando ao trabalho dos proprietários do ateliê, os de outros gravadores, como Iberê Camargo, Carlos Wladimirsky, Rosely Pretto, Léo Dexheimer, Alfredo Nicolaiewsky, Miriam Tolpolar, Cris Rocha, Clara Pechansky, Paulo Chimendes e Nelson Junblut. A exposição é composta por 14 litografias, três álbuns e o Vídeo Ateliê MAM (sobre o funcionamento do ateliê, a história e a técnica da litografia). Outro alto momento da programação da escola modelo que é a Escola de Artes Visuais. E o Museu de Arte Moderna do Rio, quando é que dá o ar de sua graça?

(Correspondência para esta coluna: Praia do Flamengo 172 ap 301 CEP 22210-010)

Ana Maria Badaró

uh Revista

SEGUNDA-FEIRA, 14 DE MAIO, 1990 ■ 3

ATELIER MAM — Gravuras de vários artistas. Gabinete de Gravuras EAV. Parque Lage. Rua Jardim Botânico, 414. De 2ª a 6ª, das 10h às 19h. Até dia 16 de junho.



Litografia de Léo Dexheimer, um dos artistas do Ateliê MAM

Jornal do Comércio
27.05.90

colunista: Mario Margutti

■ Até o dia 16 de junho, pode ser visitada a mostra de litografias do MAM de Porto Alegre na Escola de Artes Visuais do Parque Lage. MAM é sigla formada pelas iniciais dos artistas Marta Loguercio, Anico Herskovits e Maria Tomaselli, que fundaram e dirigem o ateliê gaúcho.

Centro de Gravure
Do

Museu Laser Segall

Expositores:

- José Altino
- Margarida Maria Alves
- Marlène de Almeida



ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE

10 de abril a 5 de maio

CENTRO DE GRAVURA DO MUSEU LASAR SEGALL - São Paulo/SP

Participantes: Elisa Bracher, Francisca do Val, Gabriël Rodrigues, George Rembrandt, Helena Freddi, Ithirô, Ivani Bonatelli, Joel Ruiz, Luiz Alberto de Genaro, Marie Ito, Mauro H. Shoyama, Reinaldo Vignatti, Rosa Marie Fernandes.



ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE

CASA DA GRAVURA DO LARGO DO Ó

LOTUS LOBO
DIVINA NETO
ROBERT VIEIRA
FERNANDO PITTA
LEONINA LEÃO
PAULO LAENDER
MARIA JOSÉ BOAVENTURA
ANGELO MARZANO
BENJAMIN
NEMER
ALVARO APOCALYPSE
LIGIA VELASCO
OVAGLIA
BETH CAVALCANTI
JOAQUIM SANTOS
PAULA AMARAL
LUIZ CRUZ
CARLOS BRACHER
CARLOS SCLiar

inauguração 5 de setembro de 1989

CASA DE GRAVURA LARGO DO Ó

- ATIVIDADES -

1º de julho de 1984

É fundada em Tiradentes das Minas Gerais a CASA DE GRAVURA LARGO DO Ó. Artistas responsáveis: Lotus Lobo, Fernando Pitta e Maria José Boaventura; incentivados por Yves Alves. Desde então, passaram pelas oficinas, executando suas obras, seja em litografia, xilo ou metal, os artistas plásticos: Abelardo Zaluar, Adriano de Aquino, Ângela Fonseca, Arlindo Daibert, Beth Cavalcanti, Carlos Bracher, Carlos Scliar, Décio Bracher, Eliardo França, Fernando Pitta, Helena Ferraz, Hécio Barros, Jaime Reis, João Canto, João Quaglia, Joaquim Santos, Leonino Leão, Lyria Palombini, Luiz Cruz, Liliane Dardot, Lotus Lobo, Marcos C. Benjamim, Maria José Boaventura, Maria Carmem, Maria do Carmo Freitas, Mário Azevedo, Paulo Henrique Amaral, Paulo Laender, Percival Tirapelli, Raul Córdula, Roberto Vieira, Thais Helt e Yara Tupinambá.

Julho de 1984

"Mostra de Gravuras Religiosas Populares e Obras em Litografia, Gravura em Metal, Xilogravura, Linoleogravura, Xerox e Monotipia", promovida pelo CASA DE GRAVURA LARGO DO Ó.

Agosto de 1985

Inaugurada a GALERIA ARTE & DESENHO da CASA DE GRAVURA LARGO DO Ó em Tiradentes.

Outubro de 1985

Assinatura de convênio entre a CASA DE GRAVURA, a Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais e a Rede Globo Minas, para o projeto "A MEMÓRIA DA LITOGRAFIA EM MINAS GERAIS", compreendendo: pesquisa, registro, catalogação e edição de álbum.

Novembro de 1985

Edição de álbum com litografias de vários artistas, encomendado pela Rede Globo Minas.

Dezembro de 1985

Edição de álbum intitulado "TIRADENTES SEM POSTES", com litografias do artista Marcos José, realizado para a Sociedade dos Amigos de Tiradentes - SAT.

Fevereiro de 1986

Curso de Especialização de Litografia em Chapas de Alumínio, ministrado pela professora Rosângela Ferreira, com participação de litógrafos de todo o país, realizado em Tiradentes.

Maio de 1986

Edição de álbum com litografias de vários artistas, encomendado pela USIMINAS S/A.

Julho de 1986

Exposição "25 ANOS DE LITOGRAFIA DE ARTE EM MINAS GERAIS", realizada na Grande Galeria do Palácio das Artes, alusiva às obras dos artistas mineiros desse período, acompanhada de edição de litografias de antigas gráficas, promovida pela Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage, de Juiz de Fora, Secretaria de Estado da Cultura, Rede Globo Minas e a CASA DE GRAVURA LARGO DO Ó, com pesquisa e texto do artista plástico e crítico de arte, professor Márcio Sampaio.

Outubro de 1986

Exposição "LARGO DO Ó E GUAIANASES: DOIS NÚCLEOS DA LITOGRAFIA BRASILEIRA", promovida pela Cia. Energética de Minas Gerais - CEMIG, realizada na Galeria de Arte de seu Espaço Cultural em Belo Horizonte.

Janeiro de 1987

- inauguração do Espaço Cultural "ESCULTURAS LARGO DO Ó", da CASA DE GRAVURA, em Tiradentes;
- assinatura da 2ª Etapa do Convênio "A MEMÓRIA DA LITOGRAFIA EM MINAS GERAIS", com a presença do Ministro da Cultura, Celso Furtado, do Secretário de Estado da Cultura de Minas Gerais, J. D'Ángelo e do Secretário Geral da SPHAN, Ângelo Oswald;
- promoção da 1ª Mostra de Artes Visuais de Tiradentes, dentro das atividades do VERÃO CULTURAL da cidade.

ACERVO DA CASA DE GRAVURA LARGO DO Ó

* na Galeria Arte & Desenho

além de todos os artistas que executaram suas obras nas oficinas litográficas e de metal, a galeria expõe obras dos seguintes artistas: Heloísa Ferreira, Leandro Gontijo, Luiza Cunha, Regina Palermo, Rubem Grilo e Sidmar Estevam;

* Exposição ao Ar Livre "Esculturas Largo do Ó"

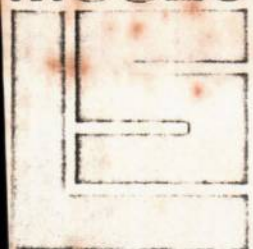
obras: Haroldo Barroso, Amílcar de Castro, Helena Ferraz, Sonia Labouriau, Roberto Vieira, Fernando Pitta, Pedro Pinkalsky e Luiz Cruz.

5 a 29 de setembro

CASA DE GRAVURA DO LARGO DO Ô

Tiradentes/MG

Lôtus Lobo, Divino Neto, Roberto Vieira, Fernando Pitta, Leonino Leão,
Paulo Laender, Maria José Boaventura, Angelo Marzano, Benjamin, Nemer,
Alvaro Apocalypse, Ligia Velasco, Quaglia, Beth Cavalcanti, Joaquim
Santos, Paula Amaral, Luiz Cruz, Carlos Bracher, Carlos Scliar.



CENTRO DE GRAVURA DO MUSEU LASAR SEGALL

Os meios gráficos tradicionais (xilografia, gravura em metal, litografia), em nossos dias, tornam-se puramente expressivos. Não que não o fossem antes, mas se vêem hoje desatrelados da reprodutibilidade como função básica. O fato de serem múltiplos tornou-se ao mesmo tempo essencial e circunstancial (é múltiplo mesmo que um). As edições são uma de suas inúmeras faces. Ao lado da pintura, escultura, desenho, etc, as questões investigativas relativas à forma, à construção de suas peculiaridades, são nosso eixo.

Isso não desmerece, ao contrário, dignifica, o importante papel que a gravura cumpriu ligado à reprodução de imagens artísticas, científicas, servindo à divulgação de conhecimento. E, mais, engrandece o trabalho de toda uma comunidade de artistas, gravadores, impressores, intelectuais, cientistas, editores e amadores que em torno dela se reuniram no decorrer da história. O universo da gravura é amplo e generoso.

O Centro de Gravura do Museu Lasar Segall não pretende menosprezar essa amplitude e generosidade. Gostaríamos de reunir no Atelier aqueles que se interessam pela prática e reflexão sobre a gravura. Isso já acontece e nos anima a continuar esse trabalho. Convidamos os que queiram iniciar-se na gravura e outros, que já praticantes, queiram discutir as questões pertinentes à sua linguagem e contemporaneidade. Só essa convivência poderá materializar as nossas dúvidas.

Gostaríamos também de trabalhar no sentido de desmitificar a prática da gravura, particularizada como difícil, cheia de segredos, de quase impossível domínio. Desenvolva dessa névoa, a sua compreensão essencial é relativamente simples; já a sua linguagem própria a cada um de nós, e intransferível, não cabe num tempo. É diferente com qualquer prática humana? Queremos nos servir da técnica e não, simplesmente, buscá-la como se ela fosse encarecível.

Com entusiasmo, só nos resta reforçar o convite.

Cláudio Nubarac
Coordenador do Centro de
Gravura do Atelier de Artes
Plásticas do Museu Lasar Segall

A sigla MAM é formada pelas iniciais dos nomes de Marta Loguercio, Anico Herskovits e Maria Tomaselli, artistas de formação diversa, mas que têm em comum a passagem pelo Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre, onde entraram em contato com a técnica da litografia. Dos encontros no ALP, nasceu a vontade de formar um atelier próprio, onde poderiam dedicar-se mais ao trabalho litográfico. Em 1981, vindo de encontro a este desejo, as três artistas encontraram em um ferro-velho de P.Alegre, uma antiga prensa tipográfica alemã que, adaptada, poder a se transformar em prensa litográfica. Esta prensa veio a se constituir no núcleo em torno do qual se formou o conjunto total do atelier: pedras litográficas, rolos, materiais químicos...

O Atelier MAM de Porto Alegre, que funciona efetivamente desde 1983, em um antigo casarão do início do século, está aberto a todas as pessoas que se interessem pela litografia como linguagem artística. Cursos temporários também aí são ministrados pelas próprias artistas que dele fazem parte. Promove encontros culturais, edita gravuras e livros de artistas, propiciando também treinamento de técnicos na área gráfica.

Entre os nomes que passaram pelo Atelier MAM, nestes anos de atividades, podemos citar: Iberê Camargo, Carlos Scliar. Sob a orientação do impressor Octávio Pereira, ambos realizaram trabalhos que vieram a se constituir nos últimos trabalhos litográficos do famoso impressor, em temporada que passou no Atelier MAM(87/88): tanto as litos de Iberê, como o álbum de Scliar sobre os 90 anos de Carlos Prestes, puderam ser vistos na última Bienal Internacional de S.Paulo.

Após ter apresentado parte de sua produção ao público carioca-SALA CARLOS OSWALD do Museu Nacional de Belas Artes, de jan. a abril/90- o MAM Atelier de Gravura de Porto Alegre, agora expõe no Gabinete de Gravura da EAV (P.Lage), continuando um trabalho que vem sendo desenvolvido neste espaço e que já apresentou núcleos a ateliês de gravura de todo o país. A exposição no Parque Lage inaugura no dia 08 de maio às 19 horas e permanece até o dia 16 de junho de 90. Além dos artistas proprietários do ateliê-Maria Tomaselli, Anico Herskovits e Marta Loguercio-estarão participando os artistas: Iberê Camargo, Carlos Wladimirsky, Roseli Pretto, Léo Dexheimer, Alfredo Nicolaiewsky, Miriam Tolpolar Cris Rocha, Clara Pechansky, Paulo Chimendes e Nelson Junbluth. A mostra composta por 14 litografias, três álbuns e o VIDEO ATELIER MAM (sobre o funcionamento do atelier, a história e a técnica da litografia).

MARGARIDA MARIA ALVES - LITOGRAFIA - 1989
"OS HEROIS DA TERÇA" - LITOGRAFIA - 1989

JOSÉ ALTIMO - OS HEROIS DA TERÇA - LITOGRAFIA, 1989
40 X 30 cm
AGRICULTORES DE COQUEIRINHO PB (1984) - 1989
40 X 29 cm

MARLENE DE ALMEIDA

①

X "A TERRA EM TRÂNSITO J"

MONOTIPIA

50 x 65 cm

1990

X "A TERRA EM TRÂNSITO III"

MONOTIPIA

50 x 65 cm

1990

~~"TERRA"~~

X "TERRA: ABISMO"

LITOGRAFIA / ACRÍLICO

50 x 65 cm — 1990

X "A TERRA EM TRÂNSITO II"

MONOTIPIA

50 x 65 cm — 1990

JOSE ACTINO

1 PRINCESA E PAPO AMARELO

LITOGRAFIA

47 x 32 cm

1989



ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE

Cláudio Fonseca
Fernando Lopes
João Atanásio
Nilton Rehtand

artistas convidados

Ana Miguel
Armando Mattos



GABINETE DE GRAVURA
13 a 24 • novembro • 1990
R. Jardim Botânico, 414

abertura • 13/11 • 19 h



R. Uruguaiana 25/401 • Centro • Rio

R. Uruguaiana 25/401 • Centro • Rio



abertura • 13/11 • 19 h

13 a 24 • novembro • 1990
R. Jardim Botânico, 414

GABINETE DE GRAVURA



artistas convidados
Ana Miguel
Armando Mattos

Cláudio Fonseca
Fernando Lopes
João Atanásio
Nilton Rehtand

Gravuras experimentais em exposição no Parque Lage

CARLA LENCASTRE

Foto de Antônio Nery

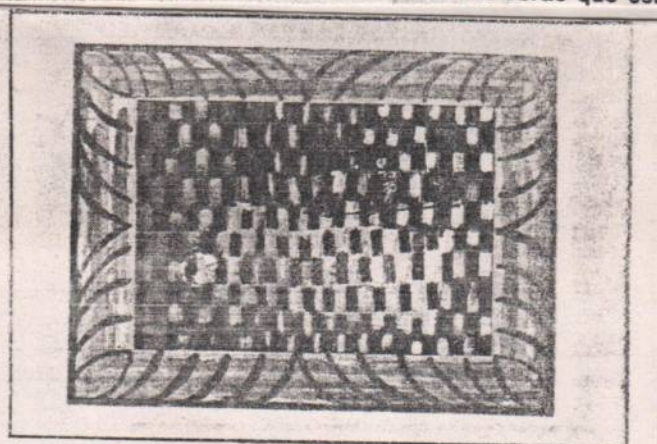
A produção de gravuras Centro Rio pode ser vista de semana no Gabinete de da Escola de Artes Visuais Parque Lage. Cláudio Fonseca, João Atanásio, Reichtand estão mostrando última terça-feira, dia 13, o chamam de "gravuras experimentais". O resultado é uma colorida, com trabalhos em mista sobre papel, de dimensões variadas. A mostra reúne ainda convidados pelos quatro do ateliê.

O Centro Rio foi fundado pelo artista plástico Luís Norões, que já morreu. Cláudio Fonseca, João Atanásio e Reichtand chegaram ao ateliê há um ano. No ano passado, Nilton Reichtand juntou-se ao trio, e esta é a primeira vez que os quatro fazem uma exposição juntos. A idéia agora é reforçar o ateliê em um local de trabalho em um espaço de 130 metros quadrados localizada na Rua Uruguaiana. Eles fazem um pouco de tudo: gravura, escultura. Atualmente, a direção é de Atanásio, atualmente



Cláudio Fonseca (à esquerda) e João Atanásio usam diferentes técnicas nas obras que estão mostrando na EAV

O globo - Ipanema
19/11/90
nº 441



Um dos trabalhos em exposição no Gabinete de Gravura

Uma mostra do trabalho de vários artistas

Rua Jardim Botânico, 41

226-1879

Gravuras experimentais em exposição no Parque Lage

CARLA LENCASTRE

A produção de gravuras do ateliê Centro Rio pode ser vista neste fim de semana no Gabinete de Gravura da Escola de Artes Visuais (EAV) do Parque Lage. Cláudio Fonseca, Fernando Lopes, João Atanásio e Nilton Rechtand estão mostrando desde a última terça-feira, dia 13, o que eles chamam de "gravuras experimentais". O resultado é uma exposição colorida, com trabalhos em técnica mista sobre papel, de dimensões variadas. A mostra reúne ainda os gravadores Ana Miguel e Armando Mattos, convidados pelos quatro artistas do ateliê.

O Centro Rio foi fundado em 1982 pelo artista plástico Luís Antônio Norões, que já morreu. Cláudio Fonseca, João Atanásio e Fernando Lopes chegaram ao ateliê há três anos. No ano passado, Nilton Rechtand uniu-se ao trio, e esta é a primeira vez que os quatro fazem uma exposição juntos. A idéia agora é expor mais vezes, para reforçar o ateliê como um local de trabalho em conjunto. Na sala de 130 metros quadrados, localizada na Rua Uruguaiana 25, 401, eles fazem um pouco de tudo: pintura, gravura, escultura. Mas com ênfase de Atanásio; atualmente se de-

dicam mais à pintura, apesar de todos terem formação de gravador. O trabalho de Atanásio — o único do grupo que faz apenas gravuras — mistura chapa de acrílico, papelão e acetato com os materiais nobres da gravura, como o metal:

— Sou um gravador experimental porque estou sempre experimentando novos materiais nas matrizes. Costumo recolher sucata nas ruas do Centro para fazer as gravuras. O objetivo é misturar as técnicas tradicionais da gravura com coisas diferentes. A exposição ficou estimulante — entusiasma-se Atanásio.

Dentro desta idéia de experimentar novos materiais, Fernando Lopes trabalhou pela primeira vez com tecido e participa da mostra no Gabinete de Gravura com apenas uma gravura. Cláudio Fonseca, que inaugura no próximo dia 27 uma exposição de pinturas na 110 Arte Contemporânea, está expondo três gravuras com colagens de jornal colorido:

— O pedaço de jornal colorido funciona como uma pincelada sobre o papel. Começo sempre por aí, depois imprimo. Só é gravura porque passa na prensa.

Nas duas gravuras de Nilton Rech-

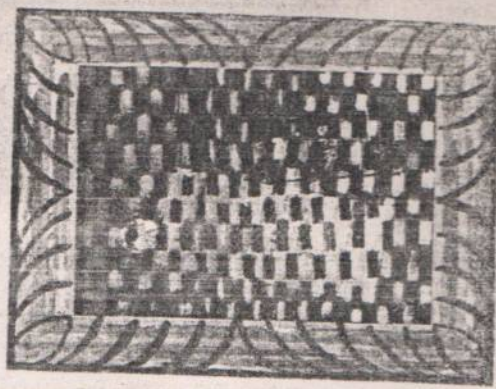
tand, que mostrou suas pinturas recentemente na Grande Galeria do Centro Cultural Cândido Mendes, as palavras são mais importantes do que a imagem, assim como nas suas telas. Os dois artistas convidados, Ana Miguel e Armando Mattos, estão expondo gravuras de metal, porém em tamanho opostos. Armando usa o processo tradicional, mas os três trabalhos que podem ser vistos no Gabinete de Gravura são em grandes dimensões e com muita cor. Já Ana Miguel faz gravuras minúsculas, reunidas numa instalação:

— A Ana conseguiu transformar gravuras em objetos. Meu trabalho está criando tridimensionalidade, mas ainda não obtive o mesmo resultado — compara Atanásio.

O Gabinete de Gravura da EAV (Rua Jardim Botânico 414, telefones 226-9624 e 226-1879) foi fundado em março do ano passado, e é coordenado pela artista plástica Malu Fatorelli:

— O objetivo do ateliê é mostrar o trabalho das oficinas de gravuras, e já fizemos exposições com grupos de outros estados — conta Malu.

A exposição dos Artistas do Ateliê Centro Rio, mais os convidados Ana Miguel e Armando Mattos, pode ser vista até o próximo dia 29, de segunda a sexta-feira, das 10h. às 17h.



Um dos trabalhos em exposição no Gabinete de Gravura

Uma mostra do trabalho de vários artistas

O globo - Ipanema
19/11/90
nº 441



ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE

Xiloficina Saint Roman

Sob a orientação
do gravador
Rubem Grilo
convida para
a exposição
a ser realizada no
Gabinete de Gravura
da Escola de Artes Visuais

Abrahão Oigman
Adriana Pereira
André Grinsztejn
Horacio Soares Neto
Mônica Barreto
Rizza Conde

Parque Lage
Rua Jardim Botânico, 414
Rio de Janeiro
de 23 de outubro a
06 de novembro de 1990
das 10 às 22h

Abertura 23 de outubro às 19h

Xilogravura

A xilogravura é o método de impressão que usa a madeira como matriz.

É o mais primitivo e mais direto dos meios, embora

XILOFICINA SAINT ROMAIN

A partir de 1988 teve início no atelier do artista plástico Rubem Grilo a formação de um grupo de pessoas com a finalidade de trabalhar em xilogravura.

O grupo é composto por pessoas de diferentes formações e idades, tendo em comum a atração particular pela manipulação da técnica de gravação sobre a placa de madeira (matriz). A técnica da xilogravura baseia-se no trabalho de desbaste, com ferramentas especiais de entalhe (goivas), propiciando a tiragem de cópias no relevo da matriz.

O grupo, em número de 6 componentes, reúne-se todas às quartas-feiras à noite, numa sala de aproximadamente 12 m², num sobrado situado à rua Saint Romain, 178, Copacabana. Num espaço tão exíguo é possível abrigar esse pessoal por se tratar a xilogravura de uma técnica de poucos equipamentos e pouca mobilidade.

Nas reuniões semanais são realizadas reflexões sobre a técnica, discussões sobre a linguagem e avaliações da produção do grupo. O trabalho se desenvolve individualmente, não só a nível da temática, como também do mundo interior de cada um, em continuação ao trabalho que é desenvolvido nos espaços particulares de cada participante.

Os artistas do grupo vêm produzindo e atuando regularmente nos diversos eventos relacionados com a xilogravura.

Xilogravura

A xilogravura é o método de impressão que usa a madeira como matriz.

É o mais primitivo e mais direto dos meios, embora seja um dos mais complexos.

De grande simplicidade de manufatura, não necessita instalações especiais ou qualquer equipamento sofisticado.

No seu início, no Ocidente, ela vai servir como meio de divulgação de imagens para um público, na maioria, iletrado.

Assim, na Europa do século XVI, produziu-se grande quantidade de xilogravuras anônimas que contavam histórias quase que exclusivamente através de imagens.

Esta característica vai continuar, no México, no século XIX, com José Guadalupe Posada, ou ainda no Brasil, com os gravadores de cordel.

Esta técnica vai alcançar grande brilho no Japão, no século XVIII, com a produção de xilogravuras coloridas que influenciaram e influenciam, ainda hoje, artistas ocidentais das mais variadas tendências.

No Brasil, encontramos como precursores de uma tendência contemporânea as gravuras de Oswaldo Goeldi e Livio Abramo.

O grupo, em número de 6 componentes, reúne-se todas às quartas-feiras à noite, numa sala de aproximadamente 12 m², num sobrado situado à rua Saint Romain, 178, Copacabana. Num espaço tão exíguo é possível abrigar esse pessoal por se tratar a xilogravura de uma técnica de poucos equipamentos e pouca mobilidade.

Nas reuniões semanais são realizadas reflexões sobre a técnica, discussões sobre a linguagem e avaliações da produção do grupo. O trabalho se desenvolve individualmente, não só a nível da temática, como também do mundo interior de cada um, em continuação ao trabalho que é desenvolvido nos espaços particulares de cada participante.

Os artistas do grupo vêm produzindo e atuando regularmente nos diversos eventos relacionados com a xilogravura.



ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE

8 a 30 de agosto

CASA DE GRAVURA DE CURITIBA

Curitiba/PR

Bernardette Panek, Carlos Tulio, Dulce Osinski, Juliano Furgante,
Ricardo C. Antonio e Rosane Schlogel.

ATIVIDADES NO SOLAR DO BARÃO

Rua Presidente Carlos Cavalcanti, 533
Telefone: 223-2733

OFICINA DE LITERATURA

Ramal: 213

- Encontros com a Fantasia
- Oficina de poesia e prosa para adolescentes
Sábados às 15 horas.

OFICINA DE TEATRO DE ATORES

Ramal: 249

De terça a sexta: 14:00 às 18.00 horas

OFICINA DE TEATRO DE BONECOS

Ramal: 249

De segunda a sexta: manhã, tarde e noite.

CORAL DE CURITIBA E CORAL STUDIUM

Ramal: 251

Ensaio - terças e sextas: às 19:00 horas.

MUSICALIZAÇÃO INFANTO-JUVENIL

Ramal: 251

- Coro de flauta doce
Sábados: 09:00 às 12:00 horas.

EXPOSIÇÕES DE ARTES PLÁSTICAS

Ramal: 208

De terça a sexta: 14:00 às 20:00 horas.

Sábados: 09:00 às 15:00 horas.

Domingos: 09:00 às 12:00 horas.

OFICINA DE GRAVURA

Ramal: 208

- Xilogravura - de segunda a sexta:
08:30 às 12:00 horas - 14:00 às 18:00 horas.
- Litografia - de segunda a sexta:
14:00 às 18:00 horas - 19:00 às 23:00 horas.
- Gravura em metal - de segunda a sexta:
08:30 às 12:00 horas - 14:00 às 18:00 horas.
- Serigrafia - de segunda a sexta:
08:30 às 12:00 horas - 14:00 às 18:00 horas.

BIBLIOTECA MARIA NICOLAS

Ramal: 213

- Livros infanto-juvenis e adultos
- Material para pesquisa escolar
- Hora do conto e atividades com as crianças
De segunda a sexta:
09:00 às 12:00 horas - 14:00 às 18:00 horas
Sábados: 12:00 às 17:00 horas

SALA DE PERIÓDICOS E BIBLIOTECA ESPECIALIZADA (TEATRO, MÚSICA E LITERATURA)

Ramal: 213

- Periódicos gerais e especializados em cinema e teatro.
- Suplementos culturais de jornais do Rio e São Paulo.
- Revistas brasileiras antigas.
De segunda a sexta:
09:00 à 12:00 horas - 14:00 às 18.00 horas
Sábados: 12:00 às 17:00 horas

CASA GILDA BELCZAK

Ramal: 254

- Venda de gravuras paranaenses.
- Comercialização de material específico para gravura.
- Vendas de livros e discos editados pela Fundação Cultural de Curitiba.

CASA DA
GRAVURA



Prefeitura Municipal de Curitiba
Administração Roberto Riquelme



secretaria municipal de cultura
fundação cultural de Curitiba

SOLAR DO BARÃO - CASA DA GRAVURA

CURITIBA

CENTRO CULTURAL

Expressar a sua própria cultura e ter acesso a toda e qualquer manifestação cultural é direito do cidadão.

Assim todos os grupos, segmentos e setores da sociedade têm direito à manifestação dos seus costumes, expressões artísticas, tradições e valores. Ao Estado compete, tão somente, assegurar as condições para que todas essas formas possam expressar-se livremente.

Partindo desta premissa que embasa a política de cultura da administração Roberto Requião, o Centro Cultural Solar do Barão é um espaço administrado pela Fundação Cultural de Curitiba e colocado à disposição da população curitibana.

Situado à Rua Presidente Carlos Cavalcanti, 533, o Centro dispõe de biblioteca, oficinas de música e gravura, sala de exposições, salas de ensaio, auditórios, livraria, laboratório de preservação fotográfica e atelier de restauro. Abriga ainda as coordenações de artes plásticas, música, artes cênicas, literatura, cultura local e o Museu do Cartaz.



Quartel General, no início da década de 1910.



Foto: Marcos Campos 1987

O EDIFÍCIO

O Solar do Barão é um conjunto arquitetônico composto por quatro edifícios em diferentes épocas. O prédio central (o mais antigo) construído no início da década de 1880, serviu de residência a Ildefonso Pereira Correia, o Barão do Serro Azul e sua família até 1894. O projeto e direção das obras desta casa que é o mais importante exemplar de arquitetura residencial oitocentista de Curitiba é atribuído a Angelo Vendramin e Batista Casagrande, mestres de obras italianos.

Após a morte do Barão, durante a Revolução Federalista, sua esposa Maria José Correia, mandou construir a casa ao lado para onde se mudou com os filhos.

Existem dúvidas quanto a ocupação da antiga residência da família a partir desta data. Enquanto alguns depoimentos afirmam que foi ocupada pelo Exército em 1895, outros dizem que ali funcionou um colégio. Somente em 1912 ambos os prédios foram incorporados pela Fazenda Nacional, passando a abrigar o Quartel General do Exército que ali permaneceu até 1975.

As construções restantes foram executadas a partir da década de 20. No período em que o prédio foi ocupado pelo Exército, alguns episódios ali ocorridos como a prisão de generais na Revolução de 30 e o inquérito dos jornalistas em 1964, são lembrados em obras e depoimentos de pessoas que vivenciaram estes momentos.

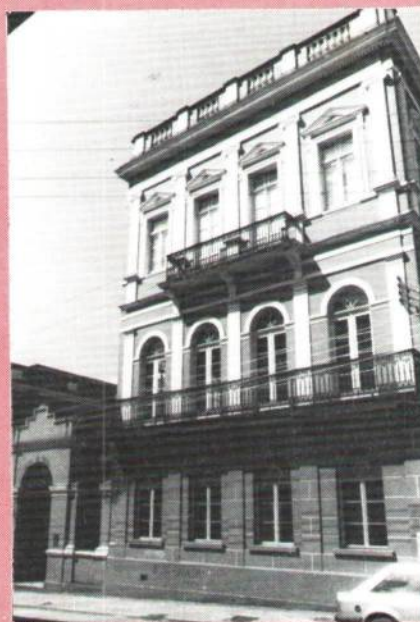


Foto: Marcos Campos 1986



Foto: Marcos Campos 1986

RESTAURO

Em 1973, todo o conjunto do Solar do Barão bem como as instalações do Exército, na Praça Rui Barbosa, foram cedidos à Prefeitura Municipal de Curitiba, em troca de nova sede do Quartel General da 5ª Região Militar no Pinheirinho.

Pela importância do imóvel como bem cultural, a Prefeitura Municipal de Curitiba resolveu executar uma ação de restauração na edificação.

As grandes alterações ocorridas principalmente no 1º prédio como acréscimo de paredes, mudanças de portas, rebaixamento do forro descaracterizaram a edificação tornando impossível o reconhecimento de qualquer indício dos sinais de ambientação doméstica original.

A obra de restauração ocorrida entre 1980 e 1983, procurou redescobrir e pôr em evidência aqueles valores que não tivessem sido destruídos de forma irreversível respeitando as modificações e acréscimos que se incorporaram ou até mesmo enriqueceram a sua arquitetura.



Visita do Presidente Carlos Cavalcanti ao Quartel General, em março de 1912. Acervo Cid Destefani



Foto da década de 1880.

Uh Revista - último Hora

ARTES PLÁSTICAS

Gravadores de Curitiba no Rio



Dulce Ozinski: gravura em metal

Didática. A exposição com 15 trabalhos de artistas ligados à Casa de Gravura de Curitiba, no Parque Lage, dá ensejo a que o carioca entre em contato com variadas técnicas da arte gravada, como xilólito e gravura em metal. A Casa da Gravura, importante centro de formação, funciona num conjunto de prédios da capital curitibana, que forma o Solar do Barão, sede do Museu Nacional da Gravura, único no País, no gênero. Entre os artistas participantes, Dulce Uzinski, Bernadete Panek, Carlos Henrique Tulio, Juliane Fuganti e Rosane Schlogel. Na oportunidade, dê um passeio pelas cercanias da Escola de Artes Visuais, com a natureza verdejante. De arrepiar.

Quem puder, não deve perder, hoje, a exposição de cerâmica de Ulisses Pereira Chaves, no Espaço Cultural Vale do Rio Doce (Avenida Graça Aranha, 26). Cerca de 30

peças em cerâmica de um autêntico criador popular, de incrível beleza formal. A mostra vai até o dia 24, sempre de segunda a sexta, das 10 às 18 horas.

Reunião de abstratos em Niterói. No Centro Cultural Paschoal Carlos Magno, no Campo de São Bento, cinco pintores mostram seu trabalho: Rogério Camacho, Ciovis Netto, Paulo Vianna, Teresa Cavalcanti e Fernanda Jandaquira. No mesmo espaço, mas no andar de cima, Neno Del Castillo expõe desenhos. Aos sábados e domingos, o horário curto é das 10 às 14 horas.

Estando em Niterói, há uma passada pelo Museu do Lige, na Presidente Pedreira, 78, com três novas mostras abertas ao público: pinturas gestualistas de Bernardi, desenhos de Eraldo Motta, e pinturas e instalação de Luiz Sérgio Oliveira e Fernando Borges. (Geraldo Edison de Andrade)

nek, Carlos Henrique Tulio, Juliane Fuganti e Rosana Schlogel.

A Casa de Gravura de Curitiba é uma instituição muito conhecida e bastante conceituada entre os gravadores de todo o País, localizada num conjunto de prédios que formam o Solar do Barão e é lá que funciona o Museu Nacional da Gravura. A exposição ficará aberta até 30 de agosto, de segunda a sexta, das 10 às 19h, inclusive aos sábados e domingos.

■ Nesta terça-feira, o Gabinete de Estampas da Escola de Artes Visuais inaugura, às 19 horas, coletiva da artista da Casa da Gravura de Curitiba, com 15 trabalhos de xilogravura, litogravura e gravura em metal. A Casa da Gravura é uma instituição conhecida e prestigiada entre os gravadores de todo o País e fica no conjunto de prédios que forma o Solar do Barão, onde funciona o Museu Nacional da Gravura. O Gabinete de Estampas da EAV, inaugurado em abril, está renovando mensalmente suas exposições, mostrando o trabalho de oficinas de todos os Estados. A mostra fica até o dia 30, de segunda a sexta-feira, das 10 às 19 horas, Parque Lage, Jardim Botânico.

E o Gabinete de Estampas da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, na Rua Jardim Botânico, 414, inaugura no mesmo dia, às 19h, a coletiva de artistas da Casa da Gravura de Curitiba, reunindo 15 trabalhos nas técnicas de xilogravura, litogravura e gravura em metal. Participam Dulce Ozinski, Bernadete Pa-

O Fluminense



ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE

8 a 30 de julho

O MESTRE À MOSTRA

Exposição de profesøres da Escola de Artes Visuais

Giodana Holanda, Malu Fatorelli, Anna Carolina, Evany Cardoso, José Lima, Marcus André, Dionísio Del Santo, Anna Maria Maiolino, Ana Cristina Secco, Newton Cavalcanti.



ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE

30 de maio/30 de junho

OFICINA DE GRAVURA DO INGÃ

Niterói/RJ

Anna Letycia, Cassiana Brandão, Chang Chai, Chico Barreto, Desirée Monjardim, Isis Braga, José Campos, José Igino, Kanika Sirgar, Maria Lucia Maluf, Ricardo Queiróz, Sergio Sabo e Vera Bueno.

INGÁ

1977-1987

OFICINA DE GRAVURA OFICINA DE ESCULTURA

SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA
FUNDAÇÃO DE ARTES DO RIO DE JANEIRO
SUPERINTENDÊNCIA DE MUSEUS



APOIO CULTURAL



SUL AMERICA
SEGUROS



OFICINA DE ESCULTURA

COORDENADOR: HAROLDO BARROSO
 ASSISTENTE: MANOEL HENRIQUE DE OLIVEIRA
 PROFESSOR CONVIDADO: ALAIR GOMES



OFICINA DE GRAVURA

COORDENADOR: ANNA LETYCIA
 PROFESSOR: RICARDO QUEIROZ

PROFESSORES CONVIDADOS:

EDITH BEHRING
 JOSÉ ASSUNÇÃO DE SOUZA
 JOSÉ LIMA
 CARLOS MARTINS
 SOLANGE OLIVEIRA
 MARIO DOGLIO
 NEWTON CAVALCANTI
 ISA ADERNE
 ROSSINI PEREZ
 RUBEM GRILO
 ISIS BRAGA

Implantadas em 1977/78, pelos artistas plásticos Anna Letycia e Haroldo Barroso, no Museu Histórico do Rio de Janeiro, em Niterói elas, se chamam — ou são chamadas — Oficinas de Gravura e Escultura do Ingá, órgão da Fundação de Artes do Rio de Janeiro.

Na realidade são oficinas, isto é, um lugar onde se exercem transformações, um laboratório que dá apoio e pesquisa linguagens. A linguagem do escultor. A linguagem do gravador. Ali rompe-se com a tradição e foge-se ao convencional. As Oficinas são sobretudo profissionais e buscam novos caminhos na linguagem da gravura e da escultura.

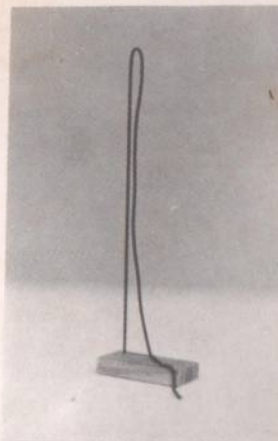
Esta busca estabelece um diálogo entre o artista e sua obra. Não existem modelos para o escultor. A pesquisa do próprio corpo é o modelo em que o artista vai se inspirar para encontrar seu próprio espaço na escultura. É a busca do próprio modelo através do inconsciente. Nas Oficinas, o aluno cria uma identidade, um vínculo familiar. Serão as Oficinas um sonho de artistas loucos? A resposta está nesta exposição com trabalhos de professores, ex-professores, alunos e ex-alunos. A resposta está em 10 anos de trabalho formando toda uma geração de gravadores e escultores que, partindo das Oficinas do Ingá, com novas técnicas e meios de expressão, está conquistando seus espaços nos ateliês, em instituições ou lograram prêmios em Salões Oficiais e Mostras de Arte, e no exterior.

Parabéns aos sonhadores do Ingá nessa busca constante do fazer artístico, deixando para trás o arcaico e o patriarcal.

Sonhar é possível.

Lilian Barretto

Superintendente dos Museus da FUNARJ



1



2



3

1. Augustus Almeida
 Linhas
 Escultura em ferro
2. Maria Lucia Maluf
 da série Beira-de-estrada — 1987
 Água tinta — 40x30 cm
3. Maurício Bentes
 Sem título — 1987
 Ferro e areia — Ø 1,00 m

A Oficina de Gravura está instalada em dependências do Museu Histórico do Estado do Rio de Janeiro, Ingá, Niterói, ocupando uma área aproximadamente de 400 metros quadrados. A idéia de uma oficina que permitisse o desenvolvimento de um trabalho profissional partiu do Dr. Aluizio de Paula, então Conselheiro da Fundação Estadual de Museus. Na época pudemos contar com todo o apoio do Governo Faria Lima.

A Oficina mantém cursos livres e cursos básicos, funcionando diariamente de 10 às 17 horas.

Este ano estamos comemorando 10 anos de vida. Muitas foram as dificuldades a ultrapassar. Durante dois ou três anos pudemos contar com auxílio da Funarte e FNDE, através de convênios, que nos permitiram a contratação de diversos professores, visando diversificar a orientação dada.

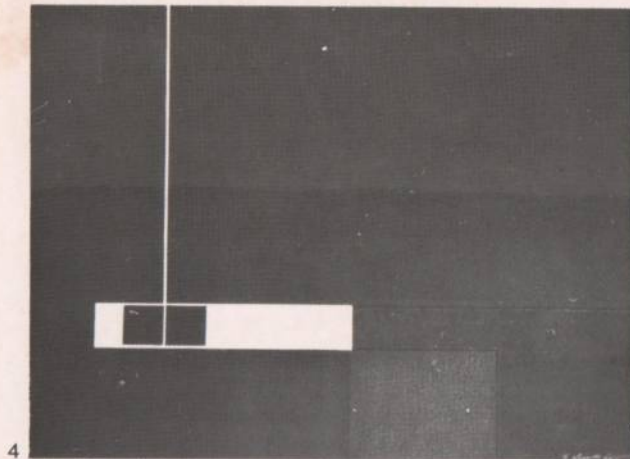
A Oficina é dirigida à técnica da gravura em metal, mas por determinados períodos pudemos iniciar cursos de xilogravura, que tiveram orientação de Isa Aderne, Newton Cavalcanti e Rubem Grilo. Não pudemos dar continuidade ao ensino da técnica por falta de apoio.

Nesses dez anos, os resultados do trabalho da Oficina têm sido os melhores possíveis. Há uma nova geração de gravadores que ali começou ou por ali passou.

O que durante dez anos conseguimos levar a termo não foi tarefa fácil. O resultado até hoje tem sido válido, mas é importante que tudo isso não dependa do esforço pessoal de uma ou duas pessoas.

As instituições culturais devem pensar em dar continuidade e suporte a um trabalho que se mostrou importante.

Anna Letyia



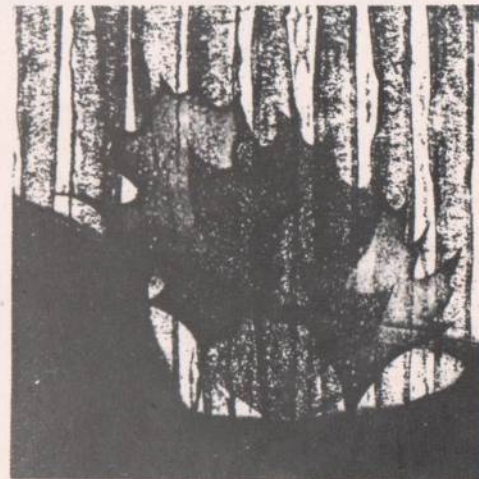
4



5



6



7



8

4. Ricardo Queiróz
Sem título — 1986
Água tinta — 60x80 cm
5. José Higino
da série Bichos. 1986
Maneira negra — 19x15 cm
6. Lourdes Machado
A Cavalgada
Água forte/água tinta — 50x70 cm
7. Marta Gamond
Three oak leaves I
Água tinta — 7,5x7,5 cm
8. Sergio Sabo
Sem título — 1986
Água forte — 38x46 cm

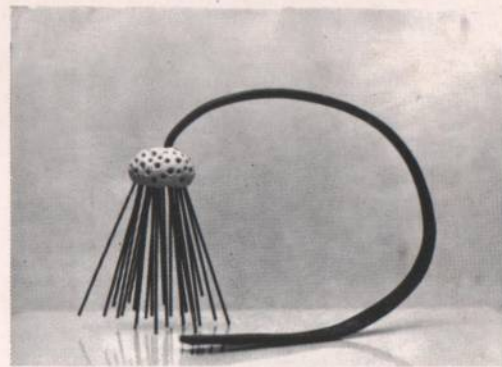
Um dos grandes problemas que o artista contemporâneo em boa hora decidiu enfrentar diz respeito à integração de suas atividades e de sua própria personalidade à sua comunidade. Este problema é de fato crucial; mas uma de suas múltiplas complexidades reside exatamente na sua própria formulação — que, tal como a formulação de qualquer 'bom problema', deve ser clara e nítida, compreendendo, portanto, apenas conceitos livres de ambigüidades e hesitações. No mundo de hoje, entretanto, que já foi denominado com certa propriedade 'aldeia global', o conceito de comunidade torna-se excepcionalmente delicado: deve corresponder tanto à nova universalidade de nossa cultura quanto aos fatores locais — em vários níveis e planos — que se apresentam sempre à nossa mente, quando pensamos em comunidade. Além do mais, o artista de hoje sente-se de tal forma comprometido com a questão da 'integração à comunidade', que seu justo sentimento o deixa perigosamente exposto aos clichês.

Um fenômeno sui-generis ocorrido há alguns meses em torno dos centros de arte sediados no ex-palácio governamental do Ingá, trouxe à tona o espinhoso problema do relacionamento entre o artista e a comunidade de maneira vigorosa, saudável e quase inédita. Definiu-se subitamente a possibilidade, que a princípio parecia mesmo já uma certeza, da remoção daqueles centros e da reversão do Ingá à esfera político-administrativa. A indignação por parte de seus novos ocupantes foi intensa, é claro; mas era de se esperar. Surpreendeu, entretanto, a indignação manifestada também na população vizinha ao Ingá. Os habitantes da área lançaram seu protesto nas ruas; procuraram jornais e estações de TV para divulgá-lo e torná-lo mais veemente. Sem ter explicitamente assumido o compromisso entre arte e comunidade, que o artista atual não pode ignorar, os 'vizinhos' dos artistas operando no Ingá,

demonstraram de modo muito espontâneo que o problema da integração não existe só do lado dos artistas; mas que, ao contrário, o problema é bilateral. Para esta saudável demonstração, não foi necessário aos integrantes das duas novas e esplêndidas oficinas de arte do Ingá, compactuar de maneira estrita — ou estreita — com a idéia de integração. Os componentes das duas oficinas — a de escultura, sob orientação de Haroldo Barroso, e a de gravura, com Anna Letycia à frente — praticavam arte bastante livre e individual, de conformidade com a atitude básica dos dirigentes de cada oficina. A comunidade urbana local reconheceu a propriedade última dessa abordagem, reconhecendo assim a liberdade que cada artista deve conferir-se em seu trato consigo mesmo e com a comunidade — em sua luta constante contra os perigos das alienações. O público local agiu mesmo com conhecimento de causa, pois que as oficinas de arte do Ingá estiveram sempre de portas abertas a todos os que demonstraram interesse em ver de perto o que ali se produzia; pois que as duas oficinas adotaram mesmo a prática de realizar exposições anuais de sua produção, no próprio ex-palácio, ao qual os 'vizinhos' acorreram quase em massa...

Alair Gomes

Rio de Janeiro, agosto de 1983



9



10



11



12



13

9. Oivaldo Soares
Sem título
Foto: Augustus Almeida
10. Chang Chai
Água tinta — 40x60 cm
11. Analu Cunha
Batatinha frita 1,2,3
Água forte/água tinta
12. Martha Araújo
Para um corpo... — 1986
Espuma de poliuretano
2,00x0,90x0,20 m
Foto: Miriam Prado
13. Ricardo Sepúlveda
Escultura
Sem título



14

A Oficina de Gravura do Ingá está completando dez anos. Evidente prova de que a gravura, no âmbito do Rio de Janeiro, não perdeu a criatividade. Em todos esses anos de atividades, a certeza plena de ter mantido sempre alto o prestígio da gravura brasileira. Pois falam muito de outras linguagens representativas da vocação artística brasileira, e até acredito que algumas têm credenciais para tal; mas, não se sabe porque, excluem a gravura dessa representatividade. O que é uma tremenda injustiça. Na verdade, a arte gravada está enraizada na personalidade do artista brasileiro, fato surpreendente quando se sabe que o país é tropical, rodeado de cores por todos os lados.



15

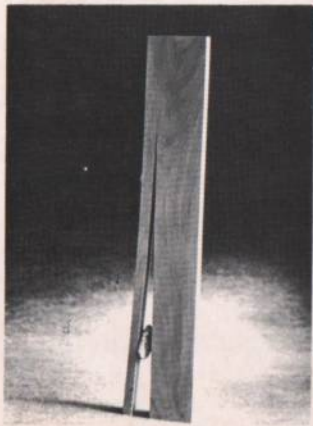
A Oficina de Gravura do Ingá, funcionando do outro lado da baía de Guanabara, em Niterói, começou como uma necessária reação ao fechamento do importante Ateliê Livre de Gravura do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, em 1974. Uma dessas coisas tipicamente brasileiras. O Ateliê do MAM, fundado em 1959, teve importância capital para o prestígio internacional da nossa gravura. Nele trabalharam praticamente todos os grandes nomes que conquistaram importantes premiações em várias partes do mundo. O resto sabemos todos: o MAM pegou fogo em 1979. Mas a gravura sobreviveu, no Ingá, à frente do qual o entusiasmo da gravadora Anna Letycia.

A tradição de pesquisar as técnicas gravadas está presente na Oficina do Ingá nestes dez anos, resultando desse trabalho o surgimento de nova geração de gravadores de indiscutível talento. A gravura, vocação cultural do Rio de Janeiro, continua inabalável.

Paralelamente à gravura, era fundado, um ano depois, também no Ingá, a Oficina de Escultura, sob orientação do escultor Haroldo Barroso. Sem alarde e dando total liberdade criativa aos alunos, em poucos anos lançava jovens escultores imbuídos de positivo sentido de renovação, sobretudo de contemporaneidade, como resposta aos acadêmicos ateliês de escultura de nossas escolas oficiais.

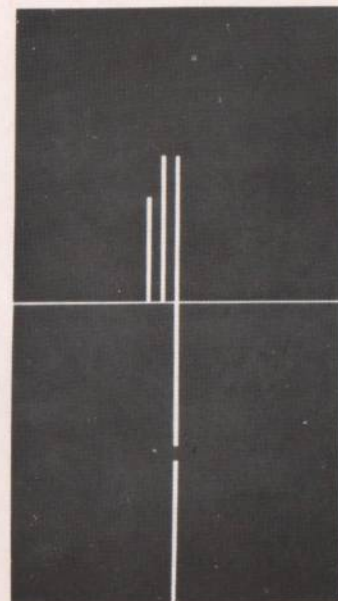
Juntando a experiência da antiga geração com o ímpeto da juventude, a proposta do Ingá, como é carinhosamente conhecido pelos artistas, impôs nova personalidade à atividade do ensino de arte no Rio de Janeiro. Em dez anos de existência, uma proposta vitoriosa.

Geraldo Edson de Andrade



16 17

14. Pedro Augusto
Sem título — 1987
Pedra e ferro
Foto: Augustus Almeida
15. Helena Ferraz
Escultura — 1986
16. Palhano
Madeira e pedra
17. Theca Portella
"Tudo que é sólido..." — 1987
Tijolos cerâmicos
Foto: Augustus Almeida
18. Desirée Monjardim
Sem título — 1985
Água tinta — 78x50 cm



18

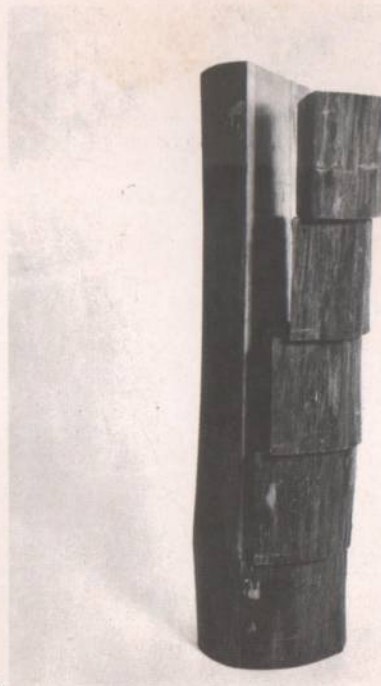
Criada em 1978, a Oficina de Escultura do Ingá, sediada no Museu Histórico do Estado do Rio de Janeiro, em Niterói, busca desenvolver e aprimorar a formação de jovens artistas em nível profissional.

A Oficina está localizada no anexo do Palácio do Ingá, ocupando uma área de 500 m², e é equipada com máquinas e ferramentas apropriadas ao fazer escultórico em suas mais diversas técnicas.

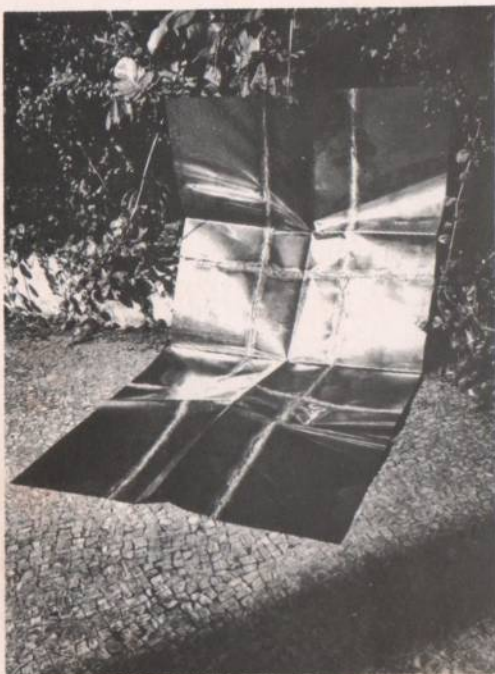
O programa de formação do profissional consiste em explorar a capacidade criativa do aluno com vistas ao desenvolvimento de sua linguagem. A tradicional reflexão formal e técnica é afastada, orientando-se o ensino para um fazer não vinculado a conceitos pré-estabelecidos. Assim, o "fazer" e a linguagem escultórica resultam de uma troca de experiências com a realidade que em última análise refletem as condições psico-sociais dos alunos e servem de elemento de reelaboração dos planos de trabalho.

A pesquisa constante de novos meios de expressão escultórica e, conseqüentemente, de novas técnicas, gera conhecimentos que permitem superar as limitações das expressões plásticas empregadas. Na gênese de todo esse processo se encontra a expansão, a diversificação e o aperfeiçoamento do homem enquanto elemento dinâmico de transformação e passível de um conhecimento autônomo e liberto de imposições culturais.

A admissão na Oficina não exige pré-requisitos formais, sendo necessário, entretanto, uma entrevista do candidato com o Coordenador para avaliação e discussão de suas pretensões. Em todos os processos, o aluno é acompanhado pelo Coordenador auxiliado por um Assistente. Os grupos trabalham em horário integral às terças e quintas-feiras, ficando nos outros dias o espaço e toda a ferramentaria à disposição dos alunos. Além disso, são promovidos seminários, cursos, sessões de leitura e intercâmbio com artistas e instituições nacionais e estrangeiras.



19



21

Haroldo Barroso



22



20.

19. Siomar Oliveira Martins
Sem título — 1984
Madeira — 1,20x0,40x0,57 cm
Foto: Nilo Lima
20. José Augusto Lagoeiro
Performance

21. Carlo Mascarenhas
Sem título — 1985
Cobre
Foto: Alair Gomes
22. Sandra Sartori
1986 — 2,00 m

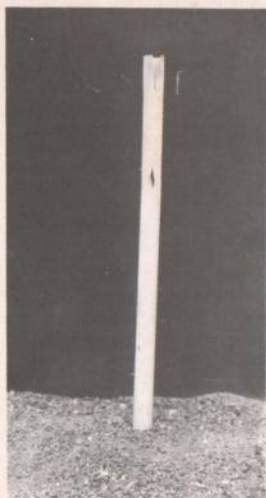
OS DEZ ANOS DO INGÁ

Antigamente, a palavra Ingá significava "O Palácio de Ingá", residência oficial do Governador do Estado do Rio de Janeiro. Hoje, "Ingá" se transformou em símbolo de arte e cultura, desde que, há dez anos, lá se instalou a Escola de Gravura e Escultura. Em dez anos, Ingá se transformou no núcleo mais importante da gravura brasileira, graças ao esforço — e à qualidade — de Anna Letycia. E também se transformou no lugar onde Haroldo Barroso, escultor e arquiteto, conseguiu criar um núcleo que já produziu alguns dos melhores jovens escultores.

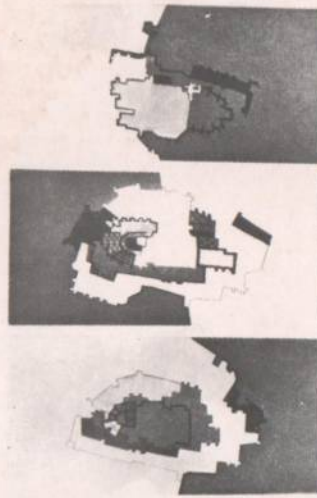
Seria impossível falar da gravura brasileira sem falar em Anna Letycia — a artista e a mestra. E já é público e notório o valor do trabalho didático por ela realizado no Ingá, e antes no MAM do Rio de Janeiro. Existem os artistas que apenas criam, e existem (felizmente) os que criam, mas que permitem que outros partilhem de sua força criadora. É o caso de Anna Letycia, é o caso de Haroldo Barroso. E como resultado disso, aqui está o Ingá, e um pouco do muito que produziu em seus dez anos de existência.

Marc Berkowitz

Rio de Janeiro, Agosto de 1987



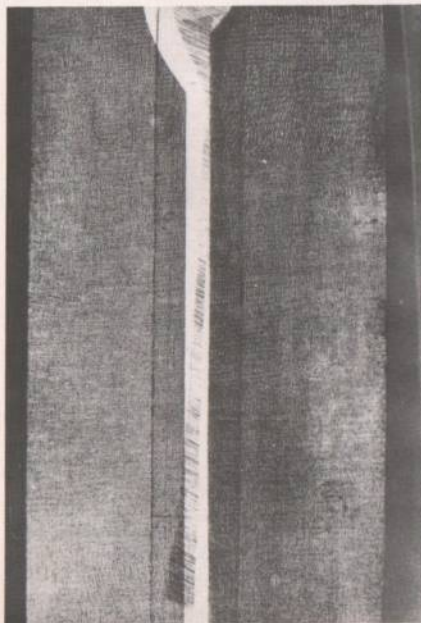
23



24



25



27



28

23. Edna Kauss
Escultura em PVC

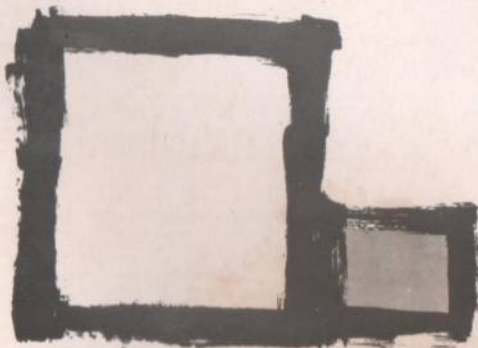
24. Isis Braga
Sem título
Butil, ponta seca e água tinta
0,55 x 0,40 m

25. Helenita Santos Cruz
Água forte/água tinta e aquarela
35x40 cm

26. Edison Ferreira
Sem título — 1986
Água tinta — 39x54 cm

27. Tay Bunheirão
Sem título — 1986
Água forte/água tinta — 60x53 cm

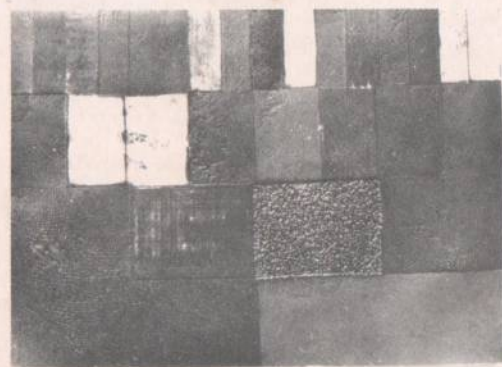
28. Miriam Obino
Non-sense — 1986
Massa plástica — 1,60 m
Foto: Rui Barbosa



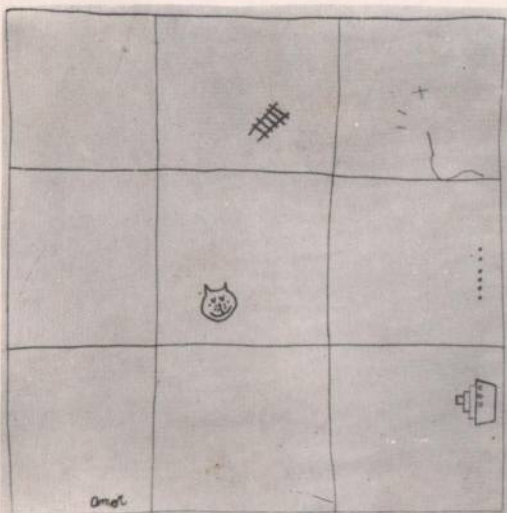
26



29



30



31

Difícil tarefa essa que me foi pedida. Escrever sobre a minha experiência no Ingá, como professora. Foram seis anos de muito prazer, companheirismo, aprendizado, bons amigos. O voto de confiança, dado-me por Anna Letycia, o intenso trabalho, a grande responsabilidade — ensinar, ao mesmo tempo aprendendo. Mexer com a cabeça das pessoas. Uma paixão comum de todos nós nesses anos — a gravura em metal.

Vejo o atelier do Ingá com muita emoção. Um período importante para muita gente e para mim pessoalmente. A troca, o trabalho, o crescimento, tudo aquilo que faz parte de um atelier coletivo.

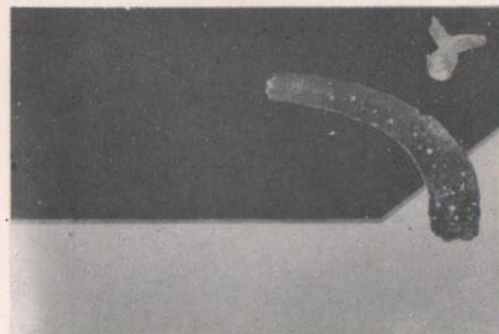
Foi uma contribuição de todos os envolvidos na Oficina, professores e alunos.

Dez anos que deram certo, provando uma realidade.

Solange Oliveira



32



33



34

29. Kanika Sircar
Visions
Photo-etching — 46x62 cm
30. Fernando Lopes
Sem título — 1987
Técnica mista — 30x40 cm
31. Ana Miguel
"Ele só queria ser feliz" — 1985
Água tinta/água forte — 50x50 cm
32. Armando Matos
Sem título
Água forte/ponta seca
Foto: João Bosco
33. Rogério Cavalcanti
Sem título — 1986
Água tinta — 50x70 cm
34. Valério Rodrigues
Sem título — 1986
Maneira negra/água forte



ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE

18 de abril/13 de maio

ATELIER 78

Rio de Janeiro

Valério Rodrigues, Mário Azevedo, Solange Oliveira, Ana Regina Aguiar,
Rogério Cavalcanti, João Batista Pinheiro.



vuras no gabinete

do início às atividades do local o grupo do Atelier 78, do Janeiro, formado por Valério Azevedo, Mário Azevedo, Solange Azevedo, Ana Regina Aguiar, Rogério Cavalcanti e João Batista Pinheiro. As obras do pessoal do Atelier 78 estão expostas até 18 de maio. A partir daí, a programação continuará voltando aos artistas de outras partes do Brasil e estados. "A idéia é trazer as nossas periódicas de outras partes do Brasil e centros de artes. Têm vários ateliês que trabalham com gravura. O negócio é ter espaço para mostrar e é isso que a gente quer. É mostrar o trabalho feito na Escola de Cultura de Curitiba, no Rio de Janeiro. É um lugar ideal para isso e a gente vai ter idéia da situação no País", diz Malu.

Gabinete de Estampas também estarão operando um arquivo de documentos sobre as diferentes técnicas da gravura, um fichário de dados bibliográficos de artistas de todo o País e mais um conjunto de livros sobre o assunto.



Malu Fatorelli: gravuras em alta

Tribuna da Imprensa
Rio, terça,
18 de abril de 1989

5

Um gabinete para gravuras

Vilma Homero

Artistas, estudantes e professores já contam com mais um espaço para a gravura. A partir de hoje, a Escola de Artes Visuais do Parque Lage abre seu Gabinete de Estampas, com os trabalhos do Atelier 78. Mas além de simplesmente conhecer as obras dos gravadores Valério Rodrigues, Mário Azevedo, Solange Oliveira, Ana Regina Aguiar, Rogério Cavalcanti e João Batista Pinheiro, que expõem nesta mostra, os interessados na gravura terão dentro da biblioteca da EAV um verdadeiro ponto de referência sobre o assunto.

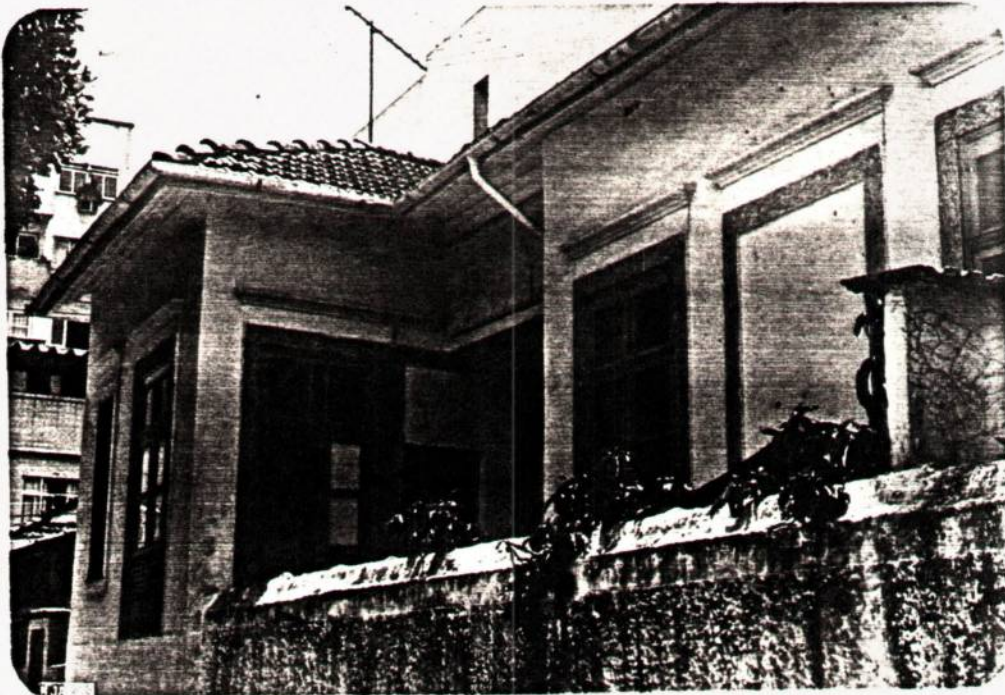
O gabinete está sob a coordenação da professora e gravurista Malu Fatorelli, que pretende aliar a cada exposição material referente à história e trabalho desenvolvido por cada ateliê. "O projeto é extremamente simples: tratar especificamente da gravura, abrindo espaço para uma área que sempre teve dificuldades em ser exposta". Para isso o Gabinete de Estampas conta com três painéis de vidro e uma grande vitrine, que possibilitam a exibição das obras em papel sem quaisquer danos. E mais do que apenas um lugar de exposição, o gabinete deverá contar com um arquivo de documentos sobre as diferentes técnicas de gravura, e um fichário onde se poderá encontrar referências bibliográficas, como encontrar e como trabalham os ateliês de gravura de todo o país. Além, é claro, de um acervo a ser ampliado de livros sobre o tema.

E por sugestão da professora Giodana Hollanda, além das mostras no gabinete também deverão funcionar workshops,



em que terão trânsito livre participantes de outras áreas da escola, sejam de desenho, ou pintura. A idéia é de trabalhar e expor o que foi feito. Dentro da programação do gabinete, depois do Atelier 78, entram as gravuras do pessoal do Museu do Ingá, seguidos no segundo semestre pelos trabalhos da Casa da Gravura de Curitiba e do Atelier Lótus Lobo, da cidade mineira de Tiradentes. Com isso, o que se pretende é dar a mais ampla visão possível da produção contemporânea brasileira, ao mesmo tempo em que se estimula o intercâmbio cultural com outros centros de ensino de arte.

Malu Fatorelli,
coordenadora
do gabinete:
"Abrir espaço
pra uma área
difícil de
ser exposta"



Mostra na EAV abre Gabinete de Estampas

A Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV) inaugura amanhã, às 19h, o seu Gabinete de Estampas, com uma exposição de dez gravuras dos artistas do "Atelier 78". O propósito da Escola, ao criar o novo espaço, é incentivar a prática da gravura através da produção dos artistas, além de incentivar o intercâmbio cultural com outros centros de ensino de arte.

O Gabinete de Estampas está instalado na biblioteca da EAV, um ambiente silencioso e adequado à apreciação das gravuras que sempre estiveram associadas à leitura, desde os primeiros livros impressos.

O espaço está sob a orientação da gravadora e professora da EAV Malu Fatorelli, que está programando exposições periódicas sempre enfocando a produção brasileira contemporânea. Serão mostras mensais, com trabalhos de outros centros de ensino. Assim, segundo ela, foram convidados para a inauguração do Gabinete o grupo do "Atelier 78", em atividade no Rio e composto pelos gravadores Valério Rodrigues, Mário Azevedo, Solange Oliveira, Ana Regina Aguiar, Rogério Cavalcanti e João Batista Pinheiro.

O Gabinete de Estampas da EAV contará também com um arquivo de documentos sobre as diferentes técnicas de gravura, fichário de referências bibliográficas de artistas e ateliês de gravura de todo o País e um acervo de livros referentes ao assunto.

A mostra do "Atelier 78" vai até o dia 18 de maio. O horário de visitação será de segunda a sexta, das 9h às 19h, e a Escola de Artes Visuais funciona no Parque Lage, na Rua Jardim Botânico 414.

Também amanhã, às 19h, a Escola de Artes Visuais inaugura, em conjunto com o Consulado Francês, a mostra "Estampes D'aujourd'hui - Dez artistas da França". A exposição, organizada pela Association Française D'Action Artistique, apresenta 40 gravuras de dez representativos artistas franceses — Jean Helion, Jan Voss, Tal Coat, Claude Viallat, Combas, Olivier Debre, Roberto Matta, Jean Le Gac, Titus Carmel e Alechinsky.

Já exibida em Brasília em abril, a exposição vai em seguida para São Paulo e Recife. Na EAV, a mostra permanece até o dia 30 deste mês, no horário de segunda a sexta-feira, das 9h às 19h, e sábados e domingos das 10h às 18h.



coletivos espalhados pelo País, no recém-inaugurado Gabinete de Estampas do Parque Lage.

"Não há nada a ser resgatado. Nunca existiu mercado para a gravura no Brasil. O número de gravadores não pára de crescer e só o que diminuiu com a crise econômica foram os compradores", rebate Anna Letycia, coordenadora do maior ateliê livre de gravuras da América Latina, o Ingá, em Niterói. Fayga Ostrower também confirma com certa amargura o diagnóstico de Anna Letycia: "Na década de 60 eu levava um ano para vender uma edição de 50 gravuras, hoje, preciso de pelo menos três

também é gravador e pesquisador, considera que a "gravura foi desprestigiada, por ser uma obra múltipla, em geral com tiragens numeradas de 50 a 100 exemplares por edição, disputando espaço em um mercado cuja tendência é a de valorizar obras únicas como a pintura e a escultura".

Vários outros motivos também concorrem para formar essa moldura sombria que envolve a gravura brasileira. Anna Letycia, ao expôr seu ponto de vista, deixa escorrer um pouco do ácido que utiliza em suas matrizes de metal: "A gravura simplesmente deixou de ser moda." Já Fayga Ostrower, introdutora da gra-

vatura abstrata no Brasil, encontra razões bem mais concretas para explicar esse esvaziamento: "O que houve foi um declínio de qualidade dos trabalhos em relação ao que se fazia nos anos 60." Em contrapartida, Luis Áquila refuta esses dois argumentos: "Esse quadro pode ser revertido com a divulgação da gravura. É inegável o valor artístico da nova geração de gravadores, entre eles, Giodana Holanda, Malu Fatorelli, Mário Azevedo, Alex Gamma e Valério Rodrigues. O que tem de mudar é a postura passiva desses artistas que se trancam nos ateliês esperando convites para expôr." Com certeza, um dos mais interessados desse movimento que Áquila quer deflagrar é Mário Azevedo, 31 anos, um dos artistas que estão expondo no Gabinete de



AMÉRICO VERVELHO

e Lage

Estampas do Parque Lage. Ainda assim, Mário não camufla seu ceticismo em relação à iniciativa de Áquila: "Dificilmente vai haver um boom de gravura como aconteceu com a pintura nos anos 80", vaticina. Se por um lado a atitude de Áquila é louvável, por outro, ela deixa dúvidas quanto ao objetivo de conseguir melhores condições de mercado para a gravura, o que parece ter sido sempre o maior dilema dessa técnica no Brasil. A mais dura constatação quanto a isso está na biografia do "pai da gravura brasileira", Oswaldo Goeldi. Goeldi morreu em 1961, na miséria.

Cláudia Calirman

Mostra na EAV abre Gabinete de Estampas

A Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV) inaugura amanhã, às 19h, o seu Gabinete de Estampas, com uma exposição de dez gravuras dos artistas do "Atelier 78". O propósito da Escola, ao criar o novo espaço, é incentivar a prática da gravura através da produção dos artistas que a utilizam como meio de expressão, além de incentivar o intercâmbio cultural com outros centros de ensino de arte.

O Gabinete de Estampas está instalado na biblioteca

O Gabinete de Estampas da EAV contará também com um arquivo de documentos sobre as diferentes técnicas de gravura, fichário de referências bibliográficas de artistas e ateliês de gravura de todo o País e um acervo de livros referentes ao assunto.

A mostra do "Atelier 78" vai até o dia 18 de maio. O horário de visitação será de segunda a sexta, das 9h às 19h, e a Escola de Artes Visuais funciona no Parque Lage, na Rua Jardim Botânico 414.

Crise gravada

Artistas discutem como voltar aos bons tempos

Há exatamente 30 anos a gravura vivia seus dias mais intensos de prestígio e destaque no cenário brasileiro das artes plásticas. Naquele momento, toda uma geração de gravadores que se aglutinava no ateliê de gravuras do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, criado em 1959, obtinha reconhecimento e estímulo através de premiações em salões nacionais e bienais. Ali no MAM, entre prensas, metais, pedras e madeira, a artista plástica Fayga Ostrower ostentava o grande prêmio internacional de gravura da 29ª Bienal de Veneza de 1958. Esse apogeu da gravura não durou mais de dez anos. Já no início da década de 70, ela não era mais aclamada com tintas tão fortes e vibrantes pela crítica e o papel dos gravadores deixou de ser tão requisitado nas exposições. Com o passar do tempo o quadro ficou negro.

Para tentar resgatar a efervescência que havia em torno da gravura, a Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no Rio, dedica o ano de 1989 a essa técnica de reprodução que tem o papel como suporte e o múltiplo como destino. Foi o Parque Lage que em 1984 projetou toda uma leva de jovens pintores até então sem expressão e hoje conhecidos como *Geração 80*. O diretor da Escola de Artes Visuais, Luís Áquila, pretende "resgatar a gravura" através de exposições alternadas dos diversos ateliês

coletivos espalhados pelo País, no recém-inaugurado Gabinete de Estampas do Parque Lage.

"Não há nada a ser resgatado. Nunca existiu mercado para a gravura no Brasil. O número de gravadores não pára de crescer e só o que diminuiu com a crise econômica foram os compradores", rebate Anna Letycia, coordenadora do maior ateliê livre de gravuras da América Latina, o Ingá, em Niterói. Fayga Ostrower também confirma com certa amargura o diagnóstico de Anna Letycia: "Na década de 60 eu levava um ano para vender uma edição de 50 gravuras, hoje, preciso de pelo menos três

também é gravador e pesquisador, considera que a "gravura foi desprestigiada, por ser uma obra múltipla, em geral com tiragens numeradas de 50 a 100 exemplares por edição, disputando espaço em um mercado cuja tendência é a de valorizar obras únicas como a pintura e a escultura".

Vários outros motivos também concorrem para formar essa moldura sombria que envolve a gravura brasileira. Anna Letycia, ao expor seu ponto de vista, deixa escorrer um pouco do ácido que utiliza em suas matrizes de metal: "A gravura simplesmente deixou de ser moda." Já Fayga Ostrower, introdutora da gra-

vura abstrata no Brasil, encontra razões bem mais concretas para explicar esse esvaziamento: "O que houve foi um declínio de qualidade dos trabalhos em relação ao que se fazia nos anos 60." Em contrapartida, Luís Áquila refuta esses dois argumentos: "Esse quadro pode ser revertido com a divulgação da gravura. É inegável o valor artístico da nova geração de gravadores, entre eles, Giodana Holanda, Malu Fatorelli, Mário Azevedo, Alex Gamma e Valério Rodrigues. O que tem de mudar é a postura passiva desses artistas que se trancaaram nos ateliês esperando convites para expor." Com certeza, um dos mais interessados desse movimento que Áquila quer deflagrar é Mário Azevedo, 31 anos, um dos artistas que estão expondo no Gabinete de



Gabinete de Estampas

Uma nova geração formada no Parque Lage

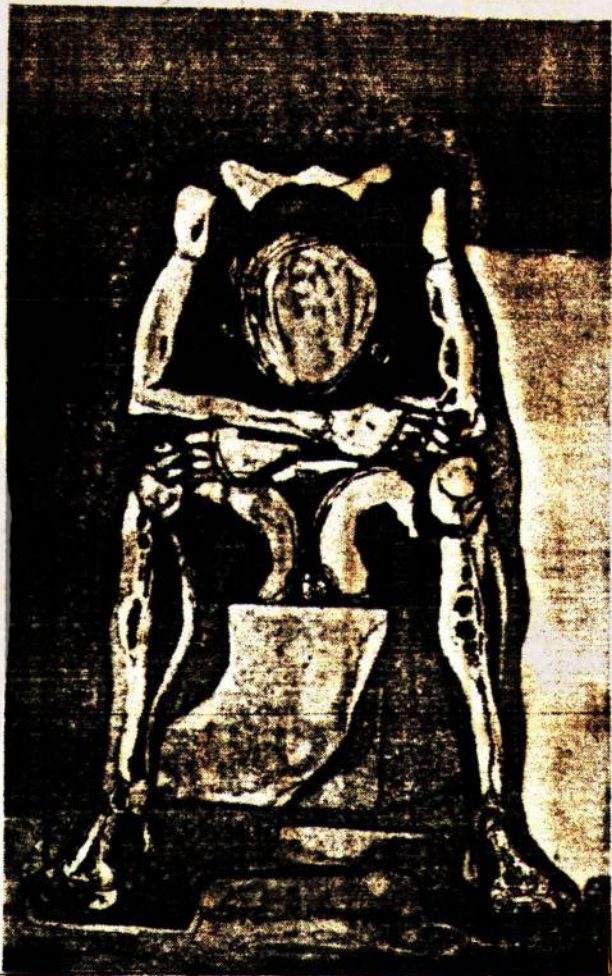
anos para comercializar uma edição inteira", constata Fayga, que tem mais de 50 prêmios e distinções no currículo. A retração do mercado também está estampada no desaparecimento da gravura das paredes das galerias de arte. Segundo Carlos Martins, o coordenador do Gabinete de Gravuras do Museu Nacional de Belas Artes, que reúne mais de quatro mil obras, a gravura sumiu das paredes por um motivo tão simples, quanto cruel: "Qualquer óleo sobre tela vale pelo menos quatro vezes mais do que um papel gravado. Não compensa expor gravura nas paredes", sintetiza. Carlos Martins, que

Estampas do Parque Lage. Ainda assim, Mário não camufla seu ceticismo em relação à iniciativa de Áquila: "Dificilmente vai haver um boom de gravura como aconteceu com a pintura nos anos 80", vaticina. Se por um lado a atitude de Áquila é louvável, por outro, ela deixa dúvidas quanto ao objetivo de conseguir melhores condições de mercado para a gravura, o que parece ter sido sempre o maior dilema dessa técnica no Brasil. A mais dura constatação quanto a isso está na biografia do "pai da gravura brasileira", Oswald Goeldi. Goeldi morreu em 1961, na miséria.

Cláudia Calirman

ARTES PLÁSTICAS

157 WALMIR AYALA



Gravura de Nivalda Assunção, do núcleo de Brasília — exposição na EAV

Formas e Cores

Formas e Cores é o título da exposição de Ana Prado, recém-inaugurada na galeria da Caixa Econômica Federal (Agência Nossa Senhora da Paz) em Ipanema. Seu processo tem se desenvolvido dentro da linguagem do desenho. Dentro deste esquema partiu de croquis, de formas que sugeriam cores, da observação de negativos destes mesmos trabalhos através dos quais foi elaborando relações complementares. Tudo isto numa pesquisa pertinente e vertical em torno do fenômeno gráfico. A exposição apresenta trabalhos originais a partir destas observações.

O globo Ipanema
R.J. 2ª feira 24 de setembro de 1990
nº 433

No Parque Lage, as gravuras de artistas e universitários de Brasília

Até o dia 20 de outubro, o Núcleo de Gravura da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora e gravadora Marília Rodrigues, estará exibindo uma mostra de gravuras no Gabinete da Escola de Artes Visuais do Parque Lage (Rua Jardim Botânico 414).

O Núcleo, que exerce suas atividades junto ao Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília, é formado por artistas da cidade e da comunidade universitária, com atuação constante há dois anos. Composto pelas gravadoras Andréa Sá, Cintia Bach, Cristina Carvalheira, Helena Lopes, Maria Leonor Décourt, Nícia Borman e Ni-

valda Assunção, o grupo vem aprofundando seu trabalho e participando ativamente das manifestações artísticas em todo o Brasil.

Paralelo à mostra de gravuras será apresentado o álbum "Cerrado — Cidade", resultado de pesquisa desenvolvida pelas artistas do núcleo enfocando aspectos urbanos de Brasília e a paisagem do cerrado. Este álbum marca o renascimento das Edições de Arte da Universidade de Brasília.

A exposição do Núcleo de Gravura da Universidade de Brasília é mais uma iniciativa do Gabinete de Gravura da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, coordenado pela gravadora Malu Fatorelli.

Um Clube de Gravura não é uma idéia nova. Existiram muitos ateliês de gravura no Brasil que tornaram-se escolas formando grandes gravadores. Alguns deixaram de existir, outros ainda teimam em permanecer vivos, apesar da marginalização do trabalho de arte em papel como suporte. A nossa idéia, acredito, é um pouco diferente. Montamos uma oficina/laboratório de experimentação gráfica, a partir de um grupo entusiasmado pela arte de Gutemberg. Um clube que não fosse somente um aglomerado social de artistas, e sim um laboratório de pessoas aguçadas com as novas linguagens gráficas, em harmonia com os antigos processos gráficos e suas técnicas em gravura – estando, por assim dizer, mais perto de nossa realidade.

Instalamos um ateliê/oficina para o desenvolvimento da prática da gravura em suas múltiplas técnicas. Criamos um espaço para mostrar nossa produção gráfica e, ao mesmo tempo, uma abertura através de intercâmbio com outros clubes/oficinas e gravadores do País e Exterior: um espaço para discussão e exposição da gravura.

Quando falamos que a nossa idéia era diferente, foi porque é do conhecimento de todos que nos demais clubes/oficinas só desenvolviam-se trabalhos (quase que exclusivamente) nas técnicas de xilogravura, gravura em metal e litografia – como é o caso da bem sucedida Oficina Guaianases de Gravura, da cidade de Olinda.

Nossa idéia tomou corpo efetivamente quando resolvemos – nós que fazemos a gravura na Paraíba – que uma idéia brilhante não deve ficar na cabeça nem em papéis ou projetos visionários, mas sim colocada em prática.

Agora colocamos em julgamento nossas experiências – nas técnicas Xilogravura, Gravura em Metal, Litografia, Xerogravura, Serigrafia, Monoserigrafia, Rologravura, Monotipia, Monoxilotipia, Linóleogravura, Ferrogravura, Papelogravura, Documentogravura, além de experiências do laboratório de gráfica do clube e de uma pequena mostra iconográfica desses cinco anos de existência – para a crítica e o público em geral.

Unhandeijara Lisboa
Presidente do Clube da Gravura da Paraíba

CHICO DANTAS

SERIGRAFIA

DIOGENES CHAVES

MONOSERIGRAFIA

DANIEL SANTIAGO

HELIOGRAVURA

FRED SVENDSEN

SERIGRAFIA

PAULO BRUSCKY

XEROGRAVURA/FAX

PEDRO OSMAR

SERIGRAFIA

UNHANDEIJARA LISBOA

XILOGRAVURA

W. WAGNER

LITOGRAFIA



ESTA MOSTRA É UMA HOMENAGEM À GRAVADORA MARIA BONOMI,

VERNISSAGE: 7 AGOSTO 1990 • 19:00 HORAS • EXPOSIÇÃO: 7 AGOSTO A 15 SETEMBRO 1990
GABINETE DE GRAVURA • ESCOLA DE ARTES VISUAIS • PARQUE LAGE • RIO DE JANEIRO-RJ

PARAÍBA

**CLUBE DA
GRAVURA**

**CLUBE DA
GRAVURA**

PARAÍBA

CURADORIA: DIÓGENES CHAVES

PROJETO GRÁFICO: LABORATÓRIO DE GRÁFICA DO CLUBE DA GRAVURA-PB

APOIO: • GOVERNO DO ESTADO

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA

• SINDICATO DOS ARTISTAS PLÁSTICOS DA PARAÍBA

• PREFEITURA DE JOÃO PESSOA

SEDEC/DEPARTAMENTO CULTURAL



ESCOLA DE ARTES VISUAIS
RUA JARDIM BOTÂNICO, 414
PARQUE LAGE
RIO DE JANEIRO-RJ
CEP 22.461



CLUBE DA GRAVURA-PB
RUA SEN. JOÃO LIRA, 697 "C"
JAGUARIBE
JOÃO PESSOA-PB
CEP 58.015



FUNESC
FUNDAÇÃO ESPAÇO CULTURAL
DA PARAÍBA

Segundo caderno - O globo
2º to - feira - 26 outubro de 1990

Gravuras de Rubem Grilo

CLÁUDIA BELÉM

O trabalho cuidadoso do gravurista Rubem Grilo está em exposição desde terça-feira na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, ao lado de peças de seis alunos seus.

Numa semana em que se despedem das galerias as melhores exposições do Rio, esta é uma boa notícia. Rubem Grilo raramente encontraria um local tão adequado para apresentar não só a sua técnica como o resultado de seu trabalho como professor.

Desde o ano passado, o Gabinete de Gravura da EAV vem apresentando o trabalho de vários ateliês de gravura de todo o País. Agora, ele traz o que há de melhor no gênero. Grilo, um dos maiores gravuristas brasileiros, luta para conseguir o mesmo espaço destinado à pintura e à escultura.

A gravura é uma técnica pouco lembrada. A xilo é uma técnica ainda mais ruda. Como o gosto médio das pessoas é mais voltado para o decorativo, a motivação em relação à



Detalhe da obra: no Parque Lage

xilogravura é menor, pois esta não é dirigida ao mercado. No entanto, as pessoas que praticam esta técnica não necessitam de outros estímulos, além da própria identificação com o material.

Divulgação

O globo - Imprensa

Segunda-feira, 5 de novembro de 1990

No Parque Lage, as xilogravuras de Rubem Grilo

A Escola de Artes Visuais do Parque Lage está expondo trabalhos de xilogravura feitos pelo professor Rubem Grilo e por seis gravadores que trabalham sob sua orientação. O grupo, composto por pessoas de diferentes formações e idades, tem em comum a atração particular pela manipulação da técnica de gravação sobre a placa de madeira.

Mineiro de 44 anos, Rubem, que é formado em Agronomia, começou a fazer xilogravura em 1971. Trabalhou durante muitos anos como ilustrador e tem trabalhos publicados em conhecidos jornais do País como "A Folha de São Paulo" e "O Pasquim". Realizou 20 exposições individuais e participou de 45 exposições coletivas, recebendo premia-

ções importantes no Brasil, no Uruguai, em Berlim e na Suíça.

Para a Coordenadora do Gabinete de Gravura da Escola de Artes Visuais, Malu Fatorelli, o trabalho de Rubem Grilo é tecnicamente primoroso e tem uma linguagem muito pessoal. Ainda segundo ela sua obra é uma contribuição de extrema importância para a história da xilogravura brasileira.

Junto com o professor, estarão expondo as seguintes artistas: Abrahão Oigman, Adriana Pereira, André Grinsztejn, Horácio Soares Neto, Mônica Barreto e Rizza Conde. A exposição vai até o dia 6 de novembro e pode ser visitada das 10h às 17h. A Escola de Artes Visuais fica na Rua Jardim Botânico 414.

Beautiful Week

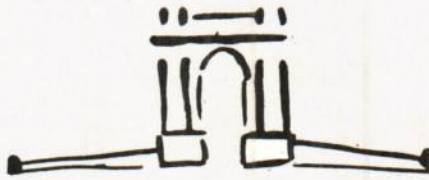
Rubem Grilo e seus discípulos

Uma exposição imperdível no Parque Lage, aberta até 6 de novembro, reúne o excelente gravador Rubem Grilo com seis de seus discípulos, respectivamente Abrahão Oigman, Adriana Pereira, André Grinsztejn, Horácio Soares Neto, Mônica Barreto e Rizza Conde, justamente o grupo que compõe com Grilo a *Xiloficina Saint Romain*.

Um dos maiores xilogravadores das artes modernas brasileiras, Rubem Grilo tem-se reunido, num pequeno sobrado da

Rua Saint Romain, em Copacabana, a partir de 1988, com pessoas de diferentes formações e idades, que têm em comum o interesse pela xilogravura, que se faz a partir de uma matriz de madeira entalhada.

Os resultados deste trabalho paciente, que podem ser admirados na exposição da Escola de Artes Visuais, foi o surgimento de um grupo de artistas-gravadores atuantes, que participa dos principais eventos que envolvem a xilogravura no Brasil.



ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE

**INSTITUTO DE ARTES DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS**

**Andréa Sá
Cintia Bach
Cristina Carvalheira
Helena S. Lopes
Maria Leonor Décourt
Nicia Bormann
Nivalda Assunção**

25 Anos de Litografia de Arte em Minas Gerais

Uma Exposição retrospectiva promovida pela Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage, Secretaria de Estado de Cultura e Rede Globo-Minas

1961-1986

Apresentação

Esta exposição apresenta o produto da atividade cultural no Estado de Minas Gerais em dois planos interpenetrantes: a Litografia como mídia para a apresentação de bens de consumo - o 1º Módulo ou a Litografia Industrial - onde se mostra a estamperia de rótulos, embalagens e cartazes publicitários, e a Litografia como Expressão Artística - o 2º Módulo - quando artistas mineiros - ou não - a utilizam como técnica de gravura.

Entre estes dois planos, e perpassando-os, o trabalho de Lotus Lobo, trazido aqui em pequena amostragem a exemplificar o processo de apropriação da imagem industrial litográfica para o universo particular do circuito de arte.

Outro Módulo é o texto do professor Márcio Sampaio, a funcionar como fio condutor, amarrado que é ao sólido interesse e erudição do autor pela Litografia.

E a completar, o 4º Módulo é o audio-visual "25 Anos de Litografia em Mi-



nas Gerais: A Litografia do Largo do Ó, em Tiradentes" realizado em vídeo pela Rede Globo de Juiz de Fora. Esta pequena produção é mais um testemunho do empenho deste meio de comunicação em abrir espaço para a arte e a cultura, ampliando as possibilidades de fruição da arte por aquela população à margem do circuito específico.

Destacamos o interesse e a compreensão por parte da Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage por este projeto. Nele, a posição de Juiz de Fora como cidade pioneira na industrialização em Minas Gerais é sublinhada quando lá encontramos as primeiras oficinas litográficas. Esta tradição hoje tem continuidade quando a recuperação de uma fá-

brica como a Bernardo Mascarenhas abre um espaço significativo para a Cultura mineira.

A Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais tornou possível esta exposição a partir do momento (entre outras ações) em que financiou a restauração do acervo de pedras antigas da Casa de Gravura Largo do Ó.

Ao Palácio das Artes, da Fundação Clóvis Salgado, o digno espaço para abrigar esta exposição comemorativa, nossos agradecimentos pela oportunidade.

E por fim, nosso reconhecimento aos méritos daqueles artífices pioneiros, que nos legaram as preciosidades representadas no Módulo I.

E há que se registrar, naturalmente, nossa gratidão aos artistas contemporâneos quando nos cederam suas gravuras para ilustrar o percurso da Litografia em Minas Gerais.

Junho de 1986



A Litografia em Minas Gerais

UMA INVENÇÃO PARA A ARTE

A invenção da litografia em 1796, na Alemanha, pelo gráfico Alois Senefelder, constituiu-se em um dos mais importantes passos para o desenvolvimento das técnicas de reprodução e multiplicação de imagens, contribuindo para uma rápida e decisiva transformação dos modos e meios de comunicação visual, como também, em consequência, para as transformações culturais e sociais que ocorreriam no século seguinte.

Ao mesmo tempo, essa invenção iria revolucionar os meios artísticos, na medida em que colocava nas mãos dos artistas uma nova técnica de multiplicação de imagens, com perfeita fidelidade ao original desenhado, solucionando as limitações apresentadas pelas técnicas de gravura em metal e pela xilografia. Criando novas condições e perspectivas técnicas para a impressão de cartazes, anúncios, rótulos, estampas, livros e jornais, a litografia colocou, também, ao alcance de um público maior, obras de arte originais constituídas de múltiplos impressos a partir de um mesmo desenho feito na matriz de pedra.

Desde o século XIX, já se haviam estabelecido as diferenças básicas - técnicas, formais e funcionais - da **litografia industrial/comercial** e a **litografia artística**. A indústria gráfica logo avançaria para numerosas conquistas técnicas, a partir da litografia, chegando ao **off-set** e outras invenções de sofisticada tecnologia. Enquanto isso, a litografia artística manteria no processo inicial de Senefelder o fundamento de sua linguagem e de sua razão de ser. Embora tenha absorvido, com o tempo, as conquistas modernas e os aperfeiçoamentos de materiais e equipamentos, não abriria mão da técnica e do material primitivos, especialmente a **pedra litográfica** cuja sensibilidade, apesar dos numerosos meios criados, não pôde ser de todo substituída. A linguagem da litografia artística tornou-se, assim, suficiente, específica, autônoma. Permanece a sua **mágica alquímica** que provoca o artista na busca de soluções formais próprias, na sua própria expressão e fixação de sua modernidade.

PRIMÓRDIOS DA LITOGRAFIA NO BRASIL

Introduzida no Brasil na segunda década do século XIX, a litografia encontrou aqui campo propício para sua prática. Vivêramos longo período de dura pressão à troca e comunicação de idéias e conhecimentos, as dificuldades impostas à entrada de estrangeiros e a proibição das atividades de imprensa e editoriais. Mas a efervescência cultural provocada pela fixação da Corte no Rio de Janeiro e as conseqüentes liberalidades de D. João VI, logo reverteriam a situação, culminando com o episódio que marcou nossa emancipação política, em 1822. Antes reprimida em suas manifestações, a sociedade brasileira logo iniciaria uma nova etapa de lutas pela conquista efetiva de liberdade de expressão e pela fixação de sua identidade cultural e como nação.

Naquele momento, a vinculação de idéias e de conhecimentos se fazia imprescindível, e a imprensa, privilegiada pelo liberalismo e, de outra parte, pela invenção de novas técnicas gráficas, teria seu desenvolvimento assegurado, atingindo surpreendentes níveis de qualidade e eficácia. Daí, a importância da contribuição da litografia, enquanto técnica que melhor correspondia à dinâmica desse novo tempo, possibilitando maior eficiência visual às ilustrações com que se enfatizaram as idéias contidas nos textos. Contribuição que se fazia mais notável por estimular um tipo de imprensa de conteúdo crítico e satírico — mais próximo ao gosto e às reivindicações de camadas sociais mais amplas — e ideologicamente participante do momento político. Exemplificam esta fase da imprensa brasileira engajada, publicações como "A Semana Ilustrada", "Revista Ilustrada", "O Mequetrepe", "A Lanterna", ilustradas por artistas de reconhecida competência como Angelo Agostini, Fleiuss, cujo trabalho - realizado na técnica litográfica - mantinha a qualidade estética a par da eficácia da expressão crítica.

Por outro lado, a litografia teria no Brasil do século XIX outro importante papel: o de registrar, através da ótica do artista, a realidade brasileira, nos seus diferentes aspectos, traçando e difundindo seu perfil cultural. Foi através da litografia que os **artistas viajantes**, na qualidade de repórteres visuais integrados às numerosas Missões Artísticas estrangeiras, puderam duplicar seus registros de viagens: as paisagens, os costumes, a fauna e a flora, riquezas naturais e outras anotações científicas e sociológicas - logo difundidas em toda a Europa. Mais do que documentos de interesse científico, as peças litografadas de artistas como Debret, Regadas, Thomas Ender valem hoje como notáveis obras de arte.



A LITOGRAFIA COMERCIAL

Mesmo que ainda incipiente, a modernização da vida brasileira, ao final do século XIX, traria no seu bojo a perspectiva de profundas transformações culturais, inaugurando novos espaços produtivos, inclusive para o artista visual, já então largamente solicitado em função da crescente demanda por parte das classes que se desenvolvem com a afirmação da economia agropecuária e com a industrialização.

Com essas mudanças que se vão processando, as artes visuais vão ensaiar seus primeiros passos no espaço da modernidade. Colocada a serviço da divulgação de idéias, mas principalmente como suporte de **marketing**, a arte como meio de veiculação publicitária, teria função primordial na captação do interesse pelos bens produzidos no país, e que precisavam angariar a confiança de larga faixa de consumidores, até então quase que exclusivamente dependentes da produção estrangeira. Nesse sentido, a litografia, como técnica melhor adequada à veiculação publicitária, seria amplamente utilizada, ganhando novo **status**, no nosso ainda restrito sistema de arte. Segundo Nelson Werneck Sodré (1) era então corrente entre nós, como também em meios mais cultos, uma hierarquização das artes, em que a litografia era tida como "arte da plebe", enquanto "os que usam os pincéis para borrar as telas são considerados a nobreza". Contudo, a situação haveria de modificar-se com o novo impulso econômico, quando se fez necessário montar um suporte para a caracterização e fixação da imagem dos diversos produtos que começam a surgir no mercado interno. Para atender à crescente demanda, são criadas várias **Casas Litográficas** especializadas em criação e impressão de rótulos, embalagens, "réclames", cartazes e outras peças gráficas a serviço da produção nacional. Vivendo um momento de euforia, essas casas tinham de se equipar não só com prensas e todo o arsenal técnico, como também com a mão-de-obra especializada — desenhistas, transportadores, impressores — vindos de diversos centros europeus, como a Itália, a Alemanha e a Áustria.

Assim, as Casas Litográficas vão surgindo nos principais núcleos econômicos e culturais do país, contribuindo para fixar uma visualidade peculiar que se desdobrará por vários outros setores da criação artística.

A LITOGRAFIA COMERCIAL EM MINAS

Após a longa retração provocada pelo esgotamento dos recursos auríferos, verifica-se em Minas, no final do século XIX, novo surto de progresso econômico, com o crescimento e a afirmação de alguns setores da produção, especialmente a indústria e a agropecuária, que, embora com uma restrita abrangência regional, haveriam de se fazer a base para o desenvolvimento que o Estado conhecerá com o avançar do século XX. Nesse período, o que mais conta é a pecuária: "O que se origina do gado (...) como o couro, carne e laticínios, tradição característica da área, a fama do leite, queijo e manteiga" (2). No alvorecer do século XX, Minas já é o maior produtor de leite do País, e as primeiras cidades modernas já têm consolidados seus perfis, definidos como pólos culturais e econômicos.

Privilegiada por sua situação geográfica - a meio-passo da Capital Federal e no centro de convergência da produção da Zona da Mata - Juiz de Fora torna-se o maior parque industrial do Estado, enquanto Belo Horizonte permanecia, (sendo o centro administrativo) "uma cidade provinciana, burocrática, de funcionários públicos".

MÁRCIO SAMPAIO

Compreende-se assim que a primeira Casa Litográfica de Minas tenha se instalado em Juiz de Fora, já que a cidade, como pólo econômico, fazia convergir para si os interesses de diversas regiões. Criada pelo artista Pietro Angelo Biancovilli, esta primeira oficina litográfica de Minas constitui marco importante na história das artes gráficas em nosso Estado.

Tendo aprendido litografia com seu pai, Biancovilli "foi diplomado pelo governo austríaco com o título de professor em caligrafia". Chegando ao Rio de Janeiro em 1888, transferiu-se no ano seguinte para Juiz de Fora, onde adquiriu como ferro-velho três prelos litográficos encontrados nos fundos do jornal "O Pharol", dando então início a uma atividade pioneira que teria grande repercussão pela qualidade e extensão do trabalho ali desenvolvido. Considerada uma das melhores do País, esta oficina atendia a um amplo círculo de clientes, executando trabalhos diversificados, de exemplar qualidade gráfica e artística, como atestam as peças hoje integradas ao acervo do Museu Mariano Procópio, de Juiz de Fora, dentre os quais o diploma da Real Sociedade Auxiliadora Portuguesa, o projeto de instalação de águas e esgotos de Juiz de Fora, o catálogo colorido da fabricação de ladrilhos da Casa Pantaleone Arcuri & Spinelli. (3)

O rápido crescimento da demanda das indústrias — especialmente as de laticínios — propiciou em seguida o surgimento de novas oficinas gráficas, a maioria sediada, também em Juiz de Fora, uma em São João del Rei e outra em Palmira - atendendo não só aos clientes de Minas, como do Rio, Goiás, Espírito Santo e Bahia. Essas Oficinas (4) dedicavam-se à criação dos desenhos e impressões de embalagens, rótulos para diferentes produtos e outros serviços gráficos. De acordo com o caráter dos suportes e dos produtos, foram criadas as especializações das oficinas: **ESTAMPARIAS PARA METAL** - impressões em folhas-de-flandres para produtos enlatados (manteiga, queijo, banha, fumo, biscoito, doce, bala, etc.) e objetos manufaturados (pratos, bandejas, latas de mantimentos). **LITOGRAFIAS GRÁFICAS** - impressões sobre papel (rótulos, etiquetas para produtos farmacêuticos, de higiene e de beleza; diplomas, cartazes, mapas, cartões de visitas, postais, etc).

MARCAS E RÓTULOS: O DISAIM CAIPIRA

Tal como ocorria com a arquitetura das novas cidades e com seus desdobramentos na decoração de interiores, configurando o universo doméstico urbano e os espaços característicos dos serviços públicos, a arte gráfica realizaria então a articulação de diversos estilos trazidos pelos **designers** procedentes da Europa (Itália, Alemanha, Áustria...) que aqui encontravam a possibilidade de avançar sobre o projeto neo-clássico, reordenando as contribuições de diferentes origens, num ecletismo que transgredia os rigores acadêmicos, e afirmava a liberdade, a vontade do novo. Esses artistas integrados à vida mineira, imergindo no novo meio cultural com regras e comportamentos tão diversos dos que regiam os centros europeus, responderiam de pronto aos estímulos da nova terra, com seu gosto peculiar que faz conviver uma forma culta e sofisticada de vida com as formas singelas resgatadas à tradição popular. Daí a coerência da saída para o ecletismo, reforçada pela expressão dos próprios artistas brasileiros e a tipicidade do gosto da clientela — os encomendantes e o público consumidor. Em última análise, a **permissividade** estilística e funcional desse "ecletismo orgânico", representa uma afirmação da natureza moderna da vida brasileira.

É assim que vamos encontrar nas embalagens e nos rótulos de laticínios e outros produtos mineiros, soluções saborosas, só possíveis enquanto a criação não se acha amarrada às imposições de rígidas regras acadêmicas; as intervenções do gosto caipira sobre as formas cultas engendraram imagens brasileiraíssimas que, sobrepondo-se à categoria do **kitsch**, correspondem a um dos aspectos mais interessantes do processo antropofágico, que mais uma vez se manifesta no quadro da arte mineira. Da mesma forma como ocorrera na arte mineira do período colonial, quando os entalhadores trabalhavam a decoração de altares e retábulos das igrejas tendo em mãos os álbuns de repertório visual barroco e rococó, trazidos da Europa, os desenhistas das oficinas litográficas não prescindiam dos modelos das escolas bávaras e italianas - as ressonâncias rococós e neo-clássicas, as florescências art-nouveau, o peso triunfalista do estilo império, as filigranas góticas - que seriam assimiladas e reduzidas às circunstâncias e ao gosto mineiros, inaugurando um estilo gráfico tipicamente local, cuja influência ainda se pode notar na visuali-

dade brasileira, especialmente a de fundamento popular. É assim que podemos ver uma paisagem rural mineira com as vaquinhas e coqueiros, dentro de uma cartela rococó; figuras de mulatas ou índios entrelaçadas pelos arabescos art-nouveau, paisagens alpinas informando produtos tipicamente mineiros - tudo de "primeiríssima qualidade". (5)

A qualidade técnica das estampilhas e a criatividade na reelaboração dos modelos, além das inovações formais transcendendo os padrões inicialmente estabelecidos, podem ser reconhecidos nos originais conservados ou através das reimpressões das pedras recuperadas por Lotus Lobo e sua equipe de pesquisadores. E através dessas peças pode-se considerar a liberdade das invenções e das apropriações como apanágio de um império de afirmação da sociedade mineira, e do desenvolvimento da produção das pequenas indústrias. Enquanto diversificadas e independentes, essas indústrias, por sua vez, exigiam veiculação firme e criativa, provocando, como se viu, a qualidade de sua imagem (6). Porém, a partir da instituição do cooperativismo, as marcas foram unificadas dentro de um padrão e uma imagem única (da cooperativa) desaparecendo a necessidade de manter o processo competitivo de cada produtora, e consequentemente da manutenção competitiva de suas imagens.

Depois do condicionamento de formato (funcional) imposto às embalagens pela própria natureza dos produtos — base circular, com variações no diâmetro e altura do cilindro para as embalagens de manteiga, fumo, balas e doces; base quadrada com variações de lado e altura, para banha e biscoitos — com isso também condicionando o desenho, um novo desafio foi proposto à criatividade dos desenhistas a partir da codificação de cores a que o Estado Novo, em 1937, submeteu à produção das pequenas indústrias, justificando-a com a necessidade de "imediate identificação do produto acondicionado". Esta seria uma das muitas interferências da ditadura nos sistemas de produção econômica e cultural e que, no caso, influenciou em muito na criação gráfica. Todavia, repete-se aí, diante da limitação imposta, a grande estimulação criativa que inverte o sentido primeiro das normatizações do poder: pois quanto maior o desafio e mais dura a censura, mais criativa a resposta da arte, na busca de uma afirmação honrosa do seu próprio sentido. Limitado pelo código, o artista gráfico teria de buscar soluções novas e de resultado mais contundente, que superasse a neutralidade provocada pela uniformização, resultando com isso a originalidade dos novos desenhos, agora tocados pelo sopro de renovação estilística, corrente na ilustração, na decoração e na arquitetura. Surgia então uma nova sensibilidade construtiva que, respondendo criativamente às solicitações e estimulações do nacionalismo, buscava identificar-se com as soluções monumentalizadoras e heróicas do realismo social e as imagens sintéticas geometrizaras do **art-deco**, absorvendo, neste caso, o decorativismo de fundamento indígena, acaboclando as soluções gráficas do programa publicitário dos socialismos vigentes na Europa. Este seria, pois, o ponto de apoio de todo o aparato gráfico que encheu o universo visual do "novo" Brasil dos anos 40. É nesse momento que surgem as marcas de inspiração nativista, com o forte sopro indigenista e tropical, com seus superíndios tupys, as bananas e tucanos, papagaios e caturritas, as paisagens grandiloquentes e as imagens afirmativas das arquiteturas das fábricas, de onde se origina o produto "de primeiríssima qualidade".

Mais uma vez, a litografia, pelos recursos técnicos de que dispõe, possibilita a eficácia visual desse novo vocabulário imagético. De sua parte, os utensílios decorados participam do universo ideal da classe média. As paisagens alpinas e holandesas misturadas ao bucolismo interiorano, os ramalhetes de flores amorosas, jarrões e guirlandas repensam o classicismo, a elegância aristocrática do rococó palaciano, ampliando o paraíso e anunciando a utopia com a qual a classe segue sonhando. Da mesma forma que o mineiro da colônia via sua possibilidade de tocar os céus, pela pintura perspectivista dos forros de suas igrejas que se abriam para o alto, com suas festas vertiginosas de anjos, santos, a Virgem e a SS. Trindade; tal como as ensombradas varandas se ampliavam com a pintura romântica para as paisagens de outros mundos, nesta fascinante arquitetura eclética do princípio do século, também os objetos aqui decorados retinham sua parcela de sonho: mesmo que submetidos às mais prosaicas funções do dia-a-dia doméstico, ou sacralizados nas cristaleiras e nas paredes das copas, e nos armários das cozinhas.

Atividade realizada em equipe, dentro de um sistema de produção que não considera a hierarquia da criação e da execução, a produção das litografias comerciais não privilegiou nenhum de seus setores, mantendo praticamente desconhecidos e anônimos os seus participantes: desenhistas, transplantadores, impressores. As pesquisas efetuadas em Minas Gerais conseguiram levantar alguns nomes, mas a maioria das imagens preservadas não têm ainda atribuição de autoria. Dentre os autores conhecidos — alguns ainda vivos — é possível levantar-se uma pequena, mas significativa história, a ser integrada à história geral da arte mineira e brasileira. Sabe-se assim da obra de Guilherme Rüdger, alemão nascido em 1887, que depois de trabalhar em Belém do Pará na Gráfica Amazônia, foi para o Rio em 1913, fixando-se em 1916 em Juiz de Fora, onde trabalhou na



"União Industrial", tendo ainda prestado serviços à Imprensa Oficial, em Belo Horizonte, em 1934, trabalhando no setor de Cartografia. Outro desenhista, também ativo em Juiz de Fora — Clemente Zero — é autor de numerosas marcas e de desenhos de bandejas e pratos. Dentre os transportadores (responsáveis pela gravação do desenho e transporte para a matriz da máquina impressora) são conhecidos: Canário e André Oggero, que trabalharam nas estampilhas de Juiz de Fora.

Chegando a Belo Horizonte em 1929 — na mesma época em que iniciava seu trabalho a Comissão de Ensino, integrada por Helena Antipoff, a escultora Jeanne Milde e outros educadores — o artista/litógrafo austríaco Julius Kaukal foi o responsável pela implantação dos serviços de cromolitografia da Imprensa Oficial, participando desse momento histórico de renovação que antecipa a implantação do modernismo, ocorrido na capital no início dos anos 40. Kaukal, ativo ainda hoje, realizou intenso trabalho de litografia, formando uma equipe de transportadores e impressores, e realizando trabalhos de ilustração, criação de cartazes e campanhas publicitárias do governo, estampilhas e bilhetes de loteria, materiais didáticos, retratos e outras peças de ampla circulação.

O FIM DAS LITOGRAFIAS COMERCIAIS

No início da década de 50, com a introdução do **fotolito**, o **off-set** começa a substituir as técnicas artesanais ou semi-artesanais de reprodução gráfica, encerrando o período mais significativo da litografia comercial, cujas oficinas, se não fecham as portas, têm de adaptar-se aos novos tempos, substituindo suas prensas pelos sofisticados equipamentos gráficos que articulam os recursos fotográficos com a inteira mecanização da reprodução e impressão. Mas não foram apenas esses avanços técnicos e as limitações dos códigos visuais responsáveis pela decadência da litografia comercial. São diferentes, agora, as relações de produção e consumo, do **marketing**, o mercado e o sistema econômico. Se, por um lado, a abertura do mercado, na contingência dos novos rumos da economia, haveria de exigir novas técnicas publicitárias — desde a modernização das embalagens quanto à forma, o material e a imagem impressa, aos modos e meios da veiculação da imagem, num campo altamente competitivo, no qual interferem, de maneira selvagem, as produtoras multinacionais — por outro lado, os sistemas altamente tecnológicos desenvolvidos por grandes empresas, com a introdução de materiais novos e **design** sofisticado, não deixaram margem para uma atuação mais efetiva da litografia. As poucas oficinas sobreviventes vão servir apenas a uma pequena parcela das pequenas indústrias, também sobreviventes, que servem nos limites regionais, a uma limitada parcela da sociedade, ainda não de todo integrada ao grande sistema de consumo. Obsoleto, o equipamento das litografias passou a ser vendido aos ferros-velhos, salvando-se, contudo algumas prensas e as pedras, muitas ainda com as imagens gravadas, agora preservadas em escolas ou ateliers de artistas(7).

Resta, assim, à litografia outro papel na cultura contemporânea, o de técnica a serviço da criação artística, papel que aliás vem desempenhando desde sua invenção, com igual ou maior relevância.

A LITOGRAFIA DE ARTE EM MINAS

Os primeiros exemplos de litografia de arte, em Minas, podem ser encontrados dentro da própria produção industrial: as bandejas, os pratos, as latas de mantimentos, foram suportes de um tipo de imagem que, pelas qualidades estéticas, ultrapassa a fronteira do decorativo, inscrevendo-se no espaço da arte, não importando os fins utilitários e os modos circunstanciais da produção do objeto/ suporte. Ao contrário do que ocorre com as marcas e os rótulos, o objetivo primeiro é a sensibilização estética e não a comunicação publicitária. Desta forma, podemos assinalar como exemplares fundadores da litografia de arte em Minas os trabalhos de Rüdger, Clemente Zero, Julius Kaukal e seus discípulos na Imprensa Oficial — César Leite, Wilson Noronha, entre outros — realizados na primeira metade do século XX.

A primeira oficina litográfica com fins unicamen-

te artísticos montada em Minas Gerais, funcionou em 1961 no Centro Artístico Cultural de São João del Rei. Do grupo faziam parte os artistas João Quaglia, baiano e com curso de Litografia na Espanha, Geraldo Guimarães de São João del Rei, os Freis holandeses do Colégio Santo Antônio David e Tiago e Sílvia Lombardi. A oficina montada com os remanescentes da Gráfica Castello, que encerrara as atividades em 1961, uma prensa manual Krauser e 200 pedras tinham sido adquiridas por Quaglia. De 1962 a 1964 a oficina passou a funcionar na residência de Quaglia cujo trabalho desenvolvido repercute nos meios artísticos, de tal forma que a Escola Guignard, em Belo Horizonte, convida-o para ministrar um curso para alguns artistas. A oficina da Escola Guignard havia sido montada com os equipamentos recuperados de um incêndio ocorrido na Imprensa Oficial que, naquele momento, já havia adotado a técnica do fotolito e off-set. O atelier de litografia da Escola funcionava ainda precariamente, com a orientação de um funcionário da Imprensa Oficial — Natalício — que ensinava os rudimentos da técnica a Cléber Gouvêa e, mais tarde, a Inimá, Vicente Abreu, Yara Tupynambá e Lotus Lobo, recém-matriculada na Escola.

O curso ministrado por João Quaglia, em 1963, seria assim fundamental para a renovação artística em Minas, para a qual também contribuíram, entre outros acontecimentos, os cursos posteriormente dados por Anna Letycia (gravura em metal) e Fayga Ostrower (processo criativo) na UFMG.

O conhecimento do novo meio expressivo e as possibilidades técnicas oferecidas pela litografia, tanto por sua aproximação e fidelidade ao desenho e o caráter de reprodutividade em série, como pela ampliação do vocabulário e soluções gráficas específicas desta linguagem, haveriam de estimular grandemente nossos artistas que frequentaram o curso: Jarbas Juarez, Álvaro Apocalypse, Sara Ávila, Annamélia Lopes, Chanina, Maria Helena Andrés, Conceição Piló, Dionísio, Wilde Lacerda e outros. É assim que na própria Escola Guignard e em torno da litografia, criou-se o Grupo Oficina, integrado pelos jovens artistas Lotus Lobo, Klara Kaiser, Roberto Vieira, Lúcio Weick, Frei David, Paulo Laender, Eduardo Guimarães e Nivea Bracher. Trabalhando em grupo, em 1964 e 65, esses artistas dariam o salto qualitativo rumo à criação de vanguarda, fazendo suas produções saírem dos modos e dos temas então dominantes (com as ressonâncias guignardianas), buscando não só tratar de assuntos novos, como também tocar as tendências recentes, do abstracionismo de fundamento lírico e construtivo, como as novas figurações, o **sig-nifico**, o **matérico** e os **realismo críticos**.

Em 1966, Lotus Lobo assume a disciplina de Litografia, da Escola Guignard, onde vai formar uma legião de litógrafos, permanecendo ali até 1984, quando se desliga da Escola para implantar a Casa da Gravura Largo de O, de Tiradentes. Durante esse período, Lotus Lobo teria ainda duas importantes atividades: a de professora de litografia na Escola de Belas Artes da UFMG, e a coordenação da Casa Litográfica, de Belo Horizonte, que funcionou de 1978 a 1982. A segunda metade dos anos 60 e a década seguinte formam o período de intensa atividade da arte mineira, em sintonia com os movimentos renovadores que se sucedem nos grandes centros, e repõem a nossa produção em evidência no quadro da arte brasileira. É um período fértil em que a arte responde criativamente aos desafios da repressão política e à censura cultural: emergem as tendências crítico-realistas, o fantástico, as linguagens construtivas e pobre; inventa-se a Tropicália com todo seu vocabulário crítico e seus ritos de sacração do brasileiro e latino-americano, na esteira da antropofagia oswaldina, as reciclagem da cultura popular e o **aprouch** com as linguagens da cultura de massa, em busca da afirmação de uma linguagem nacional. Se de um lado a vanguarda procura processar uma arte conceptualista, demitindo a representação para trabalhar o espaço real a terra, a natureza, o corpo, como suporte ou veículo da ação criativa, por outro lado há toda uma busca de representação realista, crítica, desembocando estas duas vertentes na metalinguagem em que a arte, o objeto da arte e o fazer artístico são a questão nuclear da criação. Nestes dois âmbitos, a reconsideração do urbano e da questão ecológica frequentam com intensidade a criação em Minas, sob as mais variadas formas, inclusive na condução de uma leitura ideológica da arte e da vida.

Esse estimulante quadro criativo apresentado pela arte mineira em seus principais núcleos de produção — Belo Horizonte, Juiz de Fora, Ouro Preto, Uberlândia, Cataguases, Divinópolis — propicia a emergência e afirmação de grande número de artistas, apresentando ainda o grande esforço no sentido de superação das dificuldades que se vão assentando no interior da cultura, pelo modelo político então em processo, e que só nos dois últimos anos viria a reverter-se.

ASPECTOS DE LITOGRAFIA DE ARTE EM MINAS

Nestes 25 anos, desde o primeiro curso de João Quaglia, a produção litográfica de Minas tem-se destacado com frequência no panorama da arte brasileira, tanto pela originalidade de suas propostas como pela qualidade técnica com que se realiza a expressão. Participando da história geral da arte brasileira, esta produção nos permite uma leitura desse tempo,

pois que testemunham o sentimento geral que acompanha os acontecimentos que marcaram a vida do país e do mundo; ao mesmo tempo, conduz-nos aos caminhos da afirmação das melhores qualidades do homem, pela prática de operações lúdicas, de invenções técnico-formais, criações de poéticas, interferências lúdicas sustentadas pela energia e pela inteligência construtiva.

Nestes dois pólos, entre os quais caminhou a arte brasileira afirmando a sua contribuição cultural, a litografia praticada em Minas, se não chega a firmar-se como "escola", carrega, pelo menos — como aconteceu com o desenho dos anos 70 — certas características identificadoras de uma sensibilidade e uma inteligência especificamente mineiras. Sintonizados com os grandes momentos da arte contemporânea, sensíveis aos movimentos da vida — cujos acontecimentos são apercebidos como ocorrências planetárias, e não mais regionais — os nossos artistas, e no caso os praticantes da litografia, buscam fixar suas inquietações e suas iluminações.

Legendo a litografia como seu primeiro meio de expressão, a artista Lotus Lobo tornou-se um dos mais importantes nomes da arte brasileira. A Lotus se deve não apenas uma obra consistente, fundamentada em séria pesquisa técnica e conceitual, mas também a formação de numerosos grandes artistas e à coordenação de importantes atividades criativas nas escolas de arte, na Casa Litográfica e, agora, pelo trabalho que desenvolve, junto com Maria José Boaventura e Fernando Pitta, na Casa de Gravura Largo do Ó, na cidade mineira de Tiradentes.

A sua obra, conhecida e premiada no Brasil e exterior, se sobrepõe em dois sentidos: o primeiro a considerar-se, refere-se especialmente à própria história da litografia em Minas, na medida em que toma, como ponto de partida, todo o universo signico que informa a litografia comercial produzida em nosso Estado — a técnica e as imagens produzidas por essas litografias e estamparias são tomadas como tema da obra da artista. Pesquisando em Juiz de Fora, nas oficinas e no acervo das Indústrias Reunidas Fagundes Netto (IRFAN), Lotus encaminhou seu trabalho artístico para uma forma de apropriação que ao mesmo tempo tocava os conceitos da antropofagia de Oswald Andrade, como sincronizava-se com as idéias da apropriação dos signos da cultura de massa, praticada pela pop-art. Ao apropriar-se dos rótulos e das marcas litográficas, Lotus Lobo processava seu resgate, recuperando a singularidade de sua expressão primitiva para o espaço da contemporaneidade. Com essas imagens se resgatavam, também, um espaço e um tempo em Minas, rural e urbana, com suas projeções do gosto eclético ainda tão presente em certos meios culturais e que são testemunhas da capacidade criadora do mineiro. Articulando essas imagens em signo, Lotus criava-lhes uma nova realidade, por uma poética agilmente estruturada, rica e sensível em suas soluções.

O universo de imagens e de formas criadas por artistas e multiplicadas através da litografia, contém a crítica social em seus vários modos de comentário e denúncia.

A inquietação existencial projetada por um sombrio e amargo Expressionismo como se vê na obra dos anos 60 de Vicente de Abreu, Alvaro Apocalypse, Yara Tupinambá; e mais recentemente em Yvone Couto, Luiz Henrique Vieira, Aretuza Moura, Mirtô Bernardes e em Yvana Andrés.

A releitura dos signos urbanos, na imagética gerada pelos mass-media, ou a recriação com humor e mineira ironia do universo da classe média, o "pathos" urbano e doméstico, enfim, as dramáticas relações do homem com os objetos, a natureza e seu tempo assim o vemos em obras antigas de Rosângela Ferreira e em certos momentos na produção de Paulo Amaral, Angelo Marzano e Maria do Carmo Freitas.

Outras vezes é a investigação da natureza da arte pela própria arte, feita objeto de reflexão - e a litografia passa a ser um dos meios para discussão de seus próprios processos e da matéria da arte. Lotus Lobo, que já havia indicado o caminho de investigação com seus logotipos e marcas apropriadas e recicladas, até, que, diluindo suas formas chegou à expressão abstrata (praticada também por outros artistas como Maria Helena Andrés) com requintado lirismo.

Por seu turno, Maria Carmen e Rosângela Carvalho em seus trabalhos recentes, partindo de uma referência objetiva - elementos da natureza em construção - também tocam os limites da abstração, comumente uma refinada relação de forma e cor num espaço organizado, geométrico. E neste sentido, se avultam a construção sensível e a essencialidade do gesto fixado por Amílcar de Castro, em Isaura Pena e em Angela Fonseca.

Existe ainda a referência mais ou menos objetiva à paisagem como em Fernando Pitta e Marcos Coelho Benjamin e aos elementos da natureza no trabalho de Maria José Boaventura com os quais se compõem novos espaços ora líricos ora dramáticos ou ainda insólitos como em Marina Nazaré, Beth Cavalcanti, Carlos Bracher e Carlos Wolney. Há o erótico e o orgânico em Sônia Laboriau e Paulo Laender.

Em Roberto Vieira, Thaís Helt e Lincoln Volpini as operações formais e materiais superam a ortodoxia técnica realizando colagens, transportes, recortes e remontagens, em que a litografia torna-se um dos muitos recursos imaginados para a obtenção de uma rica e expressiva solução plástico-gráfica.

LITOGRAFIA: OFÍCIO CORPORATIVO — UMA EXPERIÊNCIA

Talvez seja a Litografia o gênero que melhor exemplifica as ricas possibilidades de um trabalho de equipe em artes plásticas.

As experiências de ateliês e oficinas coletivas promoveram em Minas o interesse de vários artistas pelo trabalho em conjunto com resultados tão positivos quanto tem sido a própria qualidade da litografia mineira.

Do ateliê de João Quaglia, criado em São João del Rey ou da família Bracher em Juiz de Fora nos anos 60 ao ateliê da Escola Guignard e da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais e outros recentemente criados por grupos de jovens artistas, mantém-se com significativa regularidade a produção litográfica em alto nível qualitativo.

Duas outras experiências merecem destaque: a Casa Litográfica criada em 1979 em Belo Horizonte, sob a coordenação de Lotus Lobo, reunindo um grupo expressivo de artistas (Thaís Helt, Maria Carmen, Carlos Wolney, Marina Nazaré e outros) cujo trabalho sistemático e persistente pode ser visto no país e no exterior.

Encerrada as atividades da Casa Litográfica, uma nova experiência se iniciou na cidade de Tiradentes, onde a rara sensibilidade de Yves Alves - um homem da cultura e da comunicação - propiciou a formação da Casa de Gravura Largo do Ó.

No Largo do Ó se realizam um dos mais sérios programas de promoção artística do estado, formando uma equipe técnica de alta competência, estimulando a atividade artística da melhor qualidade em sistema de produção profissional que supera o provincianismo impondo-se como expressivo acontecimento para o quadro da arte brasileira. Abrindo-se à participação de quantos desejam realizar bem um trabalho na sua área específica, a Casa de Gravura Largo do Ó, tem sabido promover a litografia nas suas múltiplas possibilidades, quer seja quanto à realização e aprimoramento dos artistas, criando estimulantes espaços para suas respectivas obras, quer editando álbuns coletivos e individuais. Impregnados pela atmosfera mágica que a todos envolve naquela cidade - ainda tão marcada pela sensibilidade criativa do nosso passado - artistas, técnicos e impressores realizam num trabalho estimulante e consequente, onde, mais uma vez a litografia fixa esta rica e consistente relação entre arte e vida.

NOTAS

- 1 Sodré, Nelson Werneck — "Síntese de História da Cultura Brasileira" Ed. Civilização Brasileira, 1981, RJ
- 2 Iglésias, Francisco — "3 séculos de Minas" Série CADERNOS de Minas, Ed. da Biblioteca Pública Estadual, 1985, BH
- 3 A maioria dos dados históricos aqui registrados foram levantados pelo Projeto "Memória da Litografia em Minas Gerais" que forneceu subsídios indispensáveis para a elaboração do presente texto.
- 4 Além da Litografia Biancovilli, surgiram em Juiz de Fora, em um longo período, as seguintes oficinas: Litografia e Estamparia Mineira (1912); Litografia e Estamparia União Industrial (1918); Litografia Hartmann (1920); Indústrias Reunidas Fagundes Netto (1929) onde Lotus Lobo iniciou suas pesquisas. Litografia Schmidt (1935). E por fim, em Santos Dumont, a Gráfica Palmira. Em São João del Rey, até os fins da década de 50, funcionou a Gráfica Castello. Em Santa Rita do Sapucaí também funcionou uma litografia, assim como na Imprensa Oficial em Belo Horizonte.
- 5 O Projeto Memória da Litografia em Minas Gerais indica, a partir de dados levantados, a ocorrência de imagens sobre diversos suportes para rótulos, embalagens e outros fins dos seguintes produtos: manteiga, queijo, bala, doce, fumo, banha, vassoura, bebida, perfumaria, latas para mantimentos, bandejas, cartazes, óleo diesel, pasta para calçados, debênture e vistas de cidades. As imagens decorativas impressas em objetos utilitários inserem-se no campo da Litografia artística.
- 6 As soluções gráficas, quanto à composição do espaço e as relações letra/ imagem, são quase sempre inventivas e com resultados saborosos, convertendo o exagero em qualidade estética. Além do conjunto de imagens representativas utilizadas para acentuar as características, enfatizar a origem e identificar o produto, somavam-se as formas decorativas e as informações verbais abundantes para as quais se usavam 4 tipos (nome do fabricante, fábrica, fazenda, endereço, município, e estrada de ferro - acentuando ainda com legenda enfatizada a garantia de qualidade do produto - e às vezes, mesmo uma receita culinária). O nome do produto era desenhado com um tipo de letra fantasia, criado pelo desenhista.
- 7 Da Gráfica Castello de São João del Rey originou-se o ateliê de João Quaglia, posteriormente transferido para a Fundação Universitária de Arte em Belo Horizonte (hoje desativado). Outra parte foi constituir o ateliê de Antônio Grosso no Rio de Janeiro. Os equipamentos e pedras da Gráfica Palmira hoje se encontram no ateliê conjunto de Maria do Carmo Freitas, Miura Belavinha e Yvana Andrés, em Belo Horizonte. O ateliê da Escola Guignard foi formado com o equipamento da Imprensa Oficial e o da UFMG com o acervo da Litografia de Santa Rita do Sapucaí. Da Indústrias Reunidas Fagundes Netto formou-se o ateliê da Casa de Gravura Largo do Ó, em Tiradentes.



PARTICIPANTES DA EXPOSIÇÃO "25 ANOS DE LITOGRAFIA EM MINAS GERAIS"

CRONOLOGIA

LITOGRAFIA INDUSTRIAL - 1900 até 1960	Julius Kaukaul Guilherme Rudge Clemente Zero Outros anônimos
CENTRO ARTÍSTICO E CULTURAL DE SÃO JOÃO DEL REY - 1961:	João Quaglia Geraldo Guimarães Frei David
ESCOLA GUIGNARD - BELO HORIZONTE - 1963:	Vicente Abreu Yara Tupinambá Lotus Lobo Klara Kaiser Maria Helena Andrés Paulo Laender
GRUPO OFICINA - BELO HORIZONTE 1964/1965:	Lotus Lobo Klara Kaiser Roberto Vieira Paulo Laender Frei David
CURSO DE LITOGRAFIA NA GALERIA CELINA - JUIZ DE FORA - 1969:	Sérgio Macedo
FESTIVAL DE INVERNO - OURO PRETO - 1971:	Rosângela Ferreira
UFMG - BELO HORIZONTE - 1974/1975:	Lincoln Volpini Paulo Amaral Maria do Carmo Freitas Isaura Penna
ESCOLA GUIGNARD - BELO HORIZONTE - 1974/1978:	Thaís Helt Ivone Couto Angelo Marzano Mirtô Bernardes Carlos Wolney Sônia Laboriau
CASA LITOGRAFICA - BELO HORIZONTE - 1978/1982:	Lotus Lobo Thaís Helt Aretuza Moura Marina Nazareth Carlos Wolney Paulo Amaral Yvana Andrés Angela Fonseca
CASA DE GRAVURA LARGO DO Ó - TIRADENTES - 1984:	Lotus Lobo Fernando Pitta Beth Cavalcanti Maria José Boaventura Eliardo França Carlos Bracher Marcos Coelho Benjamin Décio Bracher

Créditos

Curadoria e Projeto Gráfico:
Casa de Gravura Largo do Ó
Lotus Lobo
Maria José Boaventura
Fernando Pitta

Texto:
Márcio Sampaio
Audio-Visual (Vídeo):
"25 anos de Litografia em Minas Gerais"

Direção e Roteiro:
Fernando Pitta

Música:
Joaquim Santos

Produção:
Filocarmo Braga
Estúdio Rede Globo Juiz de Fora

Impressão do Catálogo:
Esdeva Empresa Gráfica Ltda
Rua Halfeld, 1179, Centro Tel: 211-0722
Juiz de Fora MG

Secretaria:
Casa de Gravura Largo do Ó
Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage - Prefeitura Municipal de Juiz de Fora

Olho Dágua Produções Artísticas
Largo do Ó - 54 Tel: (032) 355-1231 Tiradentes
Cep 36325 Minas Gerais Brasil